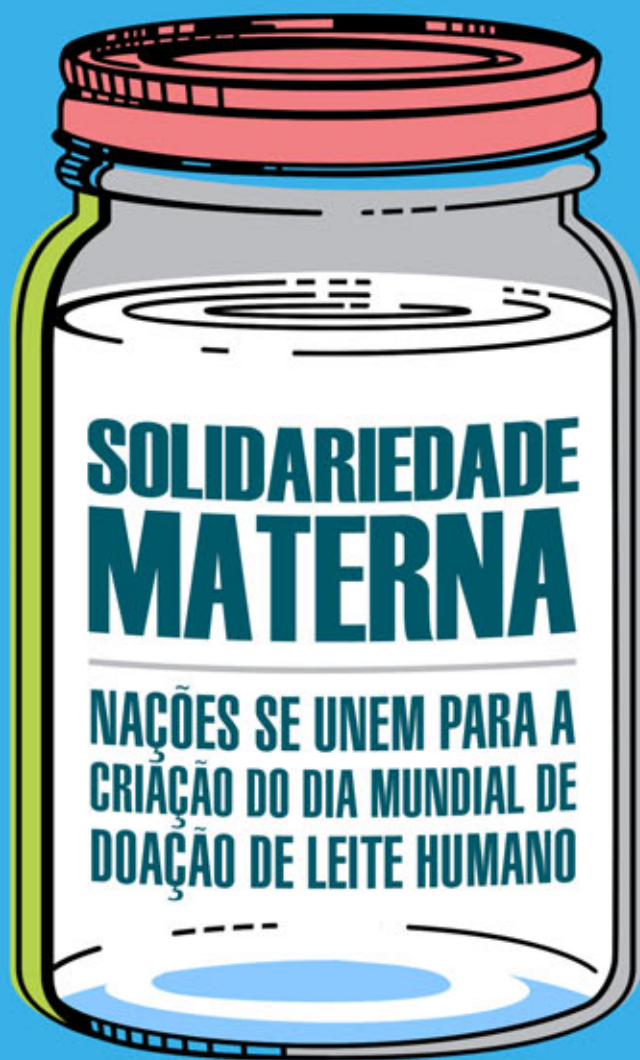


26
ABR
2013

MANGUINHOS



RESTAURAÇÃO ECOLÓGICA NA
FIOCRUZ MATA ATLÂNTICA



FUNDAÇÃO: 1 ANO NAS MÍDIAS SOCIAIS



Falta saúde na sua biblioteca?

Conheça o catálogo da Editora Fiocruz e descubra como ampliar as possibilidades de leitura sobre o tema saúde.

São mais de 200 títulos publicados desde 1993 em quatro eixos temáticos: saúde pública; ciências biológicas e biomédicas em saúde; ciências clínicas; ciências sociais e humanas em saúde.



A principal reportagem desta edição da **Revista de Manguinhos** enfoca aquela que é considerada a maior e mais complexa rede de cooperação internacional político-estratégica para a redução da mortalidade infantil e que é fundamentada em um gesto simples: a doação de leite materno. É um orgulho enorme para a Fundação participar do programa de bancos de leite humano (BLH) e assim expandir a rede para todo o Brasil e também para o cenário internacional.

Isso porque a experiência da Rede BLH-BR agrega impactos para a saúde e envolve parcerias que comprovam que, quando se tem vontade política e competência técnica, é possível melhorar a saúde da população em escala nacional e mundial. Para a Fiocruz em geral, e para o Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), que coordena esse processo, em particular, este é um dos grandes casos de sucesso da saúde pública brasileira. Atualmente, a iniciativa atinge 23 países da América Latina, Europa e África que adotam a tecnologia do BLH desenvolvida no Brasil.

Este número da revista também aborda a atuação dos funcionários de Biomanguinhos que trabalham à noite, detalha o recente processo eleitoral para a Presidência da Fiocruz, que é uma das fontes da gestão democrática da instituição, e apresenta o projeto de restauração ecológica que vem sendo feito no Campus da Mata Atlântica, em Curicica, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A edição destaca ainda um artigo publicado na revista científica *Nature* que representou a abertura de um novo paradigma na busca de uma possível vacina para o HIV e desvenda a relação entre doença de Chagas e depressão. São, portanto, muitos os assuntos de relevo desta **Revista de Manguinhos**, que mais uma vez procura espelhar a multiplicidade de estudos, projetos e iniciativas da Fiocruz.

Boa leitura.

Paulo Gadelha

Presidente da Fundação Oswaldo Cruz





Presidente
Paulo Ernani Gadelha Vieira

Vice-presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde
Valcler Rangel Fernandes

Vice-presidente de Gestão e Desenvolvimento Institucional
Pedro Ribeiro Barbosa

Vice-presidente de Ensino, Informação e Comunicação
Nísia Trindade Lima

Vice-presidente de Pesquisa e Laboratórios de Referência
Claude Pirmez

Vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde
Jorge Bermudez

Chefe de Gabinete
Fernando Carvalho

Coordenadoria de Comunicação Social / Presidência

REVISTA DE MANGUINHOS
Nº 26 - ABRIL/2013

Coordenação: Wagner de Oliveira

Edição: Renata Moehlecke e Ricardo Valverde

Colaboradores: Aline Câmara, Danielle Monteiro, Érica Pereira Lopes, Fernanda Marques, Filipe Leonel, Isadora Marinho, Jacqueline Boechat, Maritiza Neves, Pamela Lang e Rodrigo Pereira

Projeto gráfico e edição de arte:
Guto Mesquita e Rodrigo Carvalho

Revisão: Renata Moehlecke e Ricardo Valverde

Fotografia: Edson Silva, Peter Illiciev, Vítor Pimenta e Arquivo CCS

Administração: Ana Beatriz Ayres e Diego Oliveira

Secretaria: Inês Campos

Auxiliar administrativo: Daniel Lima

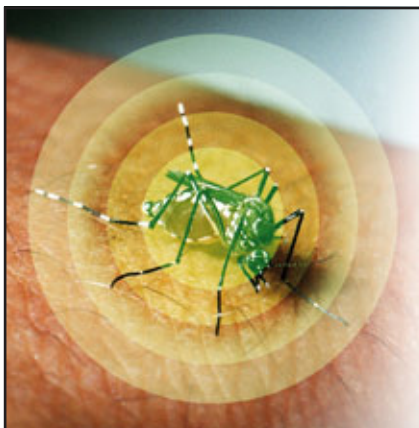
Autorizada a reprodução de conteúdos desde que citada a fonte

O que você achou desta edição?
Mande seus comentários para ccs@fiocruz.br

Revista de Manguinhos
Avenida Brasil 4.365 - Manguinhos
Rio de Janeiro - RJ - CEP 21.040-900
Telefone: 55 (21) 2270-5343

Agência Fiocruz de Notícias
www.fiocruz.br/ccs

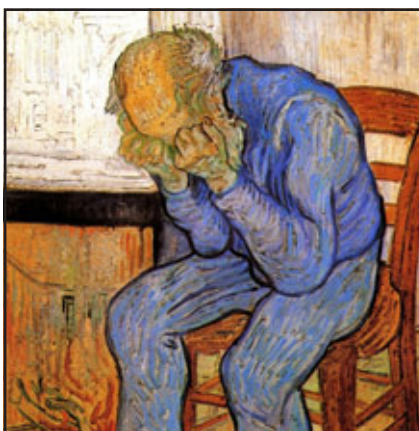
Impressão: Walprint



8 Pesquisa

Pioneirismo em dengue

Projeto traz nova estratégia ao Brasil



10 Pesquisa

Doença de Chagas e depressão

Estudo desvenda relação entre as duas



14 Parceria

Fronteiras expostas

Pesquisa avalia cooperação internacional em Aids

6 Notas

11 Pesquisa

Vírus recombinantes contra a doença de Chagas

12 Vacina

Novo paradigma na busca por um imunizante contra o HIV

16 Saúde da mulher

Os fatores associados ao HIV entre profissionais do sexo

17 Publicação

Cadernos de Saúde Pública ganha novo corpo editorial



20 Responsabilidade

Carta de Serviços ao Cidadão

Nova edição amplia informação de atividades



30 Produção

Trabalho noturno

Produção de vacinas na madrugada



40 Eleição

Mais quatro anos

Paulo Gadelha é reelected na Fiocruz



53 Fio da História

Saúde no campo de batalha

A atuação dos médicos na Guerra do Paraguai



CAPA:
Arte de Rodrigo
Carvalho

32 Empreendedorismo

Com incentivo, artesãos ampliam perspectivas

34 Acervo

8 mil negativos contam a história da saúde

35 Patrimônio

Centro de documentação começa a virar realidade

38 Ação cultural

Palácio Itaboraí monta orquestra de câmara

44 Parceria

O sucesso do espaço Saúde & Letras

47 Coedição

A produção coletiva das editoras

50 Aleitamento

Livro esgotado está disponível na web



► Assinatura do termo de compromisso para implantação do FioFarmo

Instituído Centro de Referência Nacional em Síntese de Fármacos

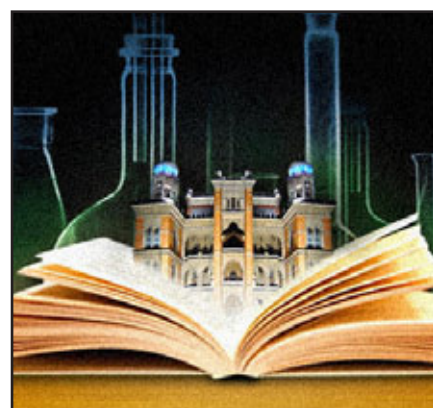
A Fiocruz e o Ministério da Saúde assinaram um Termo de Compromisso com vistas à implantação do Centro de Referência Nacional em Síntese de Fármacos, o FioFarmo. A iniciativa é mais uma parceria visando garantir a soberania tecnológica na área da farmoquímica. Para o secretário de Ciência e Tecnologia do MS, Carlos Gadelha, a cerimônia marca “o renascimento da farmoquímica no Brasil”. Com a proposta de implantação do FioFarmo espera-se incorporar mais uma etapa na cadeia produtiva de medicamentos e desenvolver processos sintéticos dos Insumos Farmacêuticos Ativos (IFAs) que atendam à demanda do setor público. Além disso, com a implantação do centro de referência, o MS reduzirá os custos com os medicamentos incorporados ao SUS e favorecerá a produção pública de medicamentos.



► Imagem do *Triatoma pinto-diasi*

Descoberta de espécie de barbeiro homenageia pesquisador da Fundação

O Laboratório Nacional e Internacional de Referência em Taxonomia de Triatomíneos do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) identificou um novo triatomíneo, o *Triatoma pinto-diasi*. O nome da nova espécie de barbeiro, inseto transmissor da doença de Chagas, é uma homenagem ao pesquisador João Carlos Pinto Dias, que hoje atua no Centro de Pesquisa René Rachou (CPqRR/Fiocruz Minas) e dedicou sua trajetória profissional ao estudo da doença de Chagas. A homenagem foi divulgada durante o Ciclo Carlos Chagas de Palestras, que celebrou os 70 anos do Posto Avançado de Pesquisa Emmanuel Dias, em Bambuí (MG).



► Fundação expande acesso a conhecimento científico

Política Institucional de Acesso Aberto obtém registro internacional

A Política Institucional de Acesso Aberto - que marcou a adesão da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) a esse movimento global - foi publicada oficialmente no site Registry of Open Access Repositories Mandatory Archiving Policies (Roarmap). Outra novidade é que o Repositório Institucional de Acesso Livre em Saúde Pública da escola também se encontra devidamente registrado no OpenDOAR, um diretório acadêmico oficial de repositórios de acesso aberto. Essas ações contribuem para que a Ensp continue a expandir seu trabalho em prol do acesso aberto ao conhecimento científico.

Parceria com a Universidade de Glasgow

Representantes do Instituto Carlos Chagas (ICC/Fiocruz Paraná) e da Universidade de Glasgow, da Escócia, selaram um acordo com vistas ao intercâmbio de informações, pesquisadores e estudantes de pós-graduação; elaboração de projetos de pesquisa; e organização de simpósios e seminários na área de parasitologia molecular e outros campos de interesse mútuo. A parceria foi motivada pela atuação de pesquisadores da Fundação na universidade na área de parasitologia molecular nos últimos meses.



► Fundada em 1451, a Universidade de Glasgow é a quarta instituição universitária mais antiga entre países de língua inglesa

Projeto lança vídeoaulas sobre o *A. aegypti*



► Infográficos e animações tornam as vídeo-aulas mais dinâmicas e de mais fácil compreensão

O Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) acaba de lançar o projeto de vídeoaulas *Aedes aegypti* – *Introdução aos aspectos científicos do vetor*. Pensado para ajudar a população a conhecer um pouco mais sobre o mosquito, a doença e seus impactos, a iniciativa

apresenta, de forma simples e objetiva, informações capazes de contribuir também na rotina de diversos públicos, como professores, estudantes e profissionais de comunicação, tornando-os verdadeiros multiplicadores de conhecimento e colaborando para a prevenção da doença. O projeto aborda assuntos variados, incluindo orientações sobre combate aos focos do mosquito, diferenças entre *A. aegypti* e pernilongo doméstico, informações sobre o vírus, a história do *Aedes* e como ele se espalhou pelo mundo, além de dados sobre o comportamento do mosquito, conhecido por sua característica oportunista. As vídeoaulas são disponibilizadas em dez módulos temáticos, que podem ser assistidos separadamente ou em versão integral.



► A primeira ação do observatório foi organizar um seminário sobre a nova tecnologia GeneXpert

Lançado o Observatório Tuberculose Brasil

Fortalecer o Sistema Único de Saúde (SUS) e contribuir para o controle da tuberculose, com o monitoramento das políticas públicas de saúde e promoção do controle social. Com esses objetivos, a Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz) criou a coordenação do Observatório Tuberculose Brasil. Integrante da rede FIO-TB, o observatório é composto de diversas unidades da Fiocruz, com a proposta de articular as ações de pesquisa e serviço da Fundação na área. O Observatório TB Brasil pretende desenvolver ações em advocacy communication and social mobilization (ACMS) e monitorar os indicadores sociais e epidemiológicos relacionados à tuberculose. As ações estão de acordo com as Metas de Desenvolvimento do Milênio, estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e contam com ativa participação de movimentos sociais no que se refere à execução dos compromissos assumidos oficialmente pelas três esferas de governo.



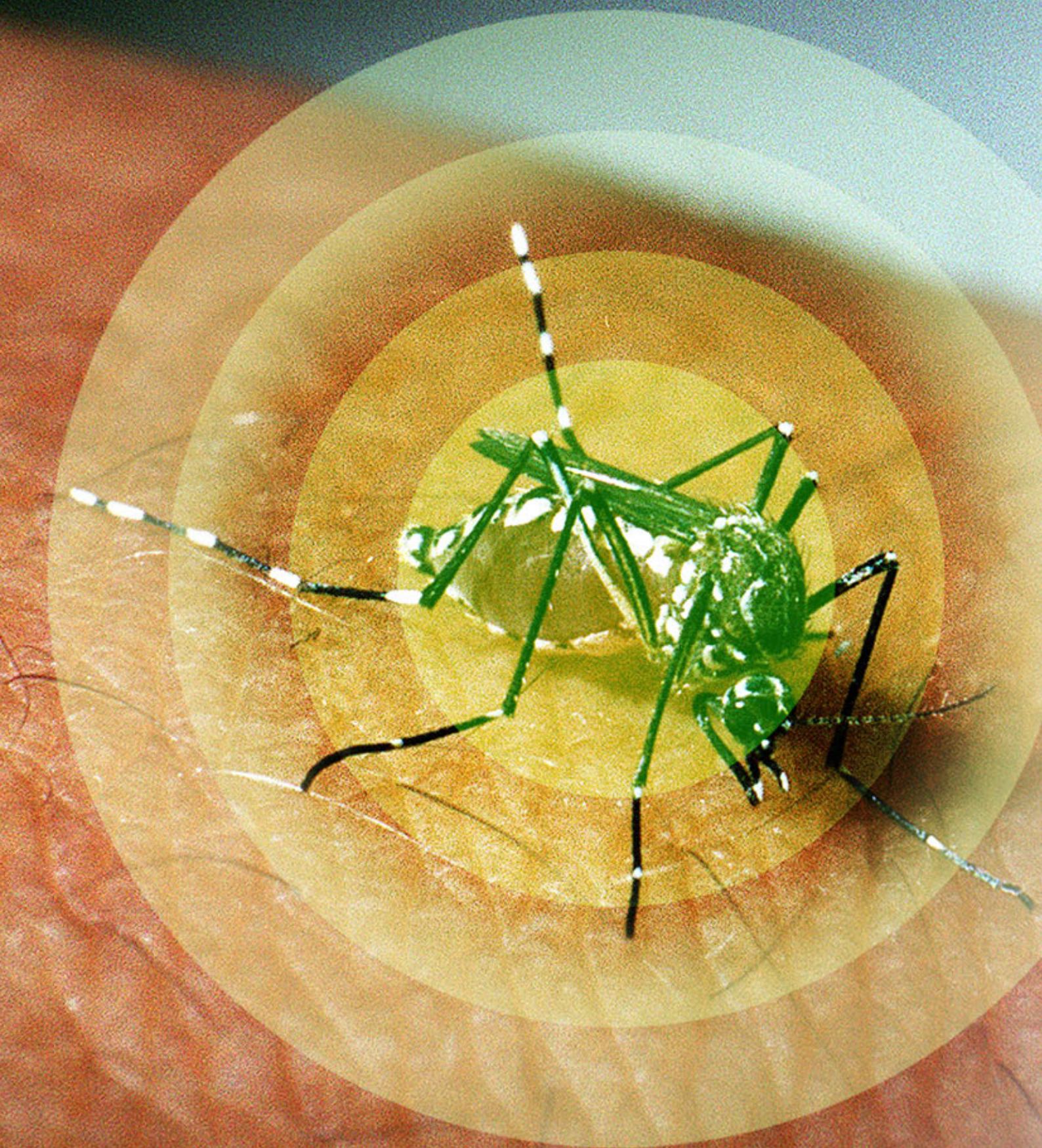
Parceria cria portal de pesquisa em saúde

A produção científica brasileira na área da saúde passou a ter um novo instrumento de divulgação: o portal do Laboratório de Gestão da Informação e Comunicação em Saúde (Lógicos), lançado por meio de uma parceria entre Ministério da Saúde (MS), Universidade de Brasília (UnB) e Fiocruz Brasília. Com uma proposta multimídia, a partir da publicação de matérias e entrevistas em diversos formatos – áudio, vídeo e textos – que podem ser compartilhados de forma gratuita, o Lógicos dá mais visibilidade às pesquisas. No Lógicos o internauta também terá acesso a um banco de dados com mais de 3 mil projetos de pesquisas financiados pelo MS: o Pesquisa Saúde – ferramenta

eletrônica que permite ao usuário encontrar informações relacionadas a pesquisas ou temas de interesse, a partir de diversos critérios de busca, como número de projetos e recursos investidos por ano, região, modalidade de fomento, edital, instituição, entre outros. O Pesquisa Saúde fornece ainda indicadores e permite a exportação dos resultados de busca para planilha eletrônica, de forma que o usuário possa trabalhar com as informações de acordo com a necessidade. O Lógicos inclui agenda de eventos e editais, matérias especiais sobre a produção científica em áreas temáticas prioritárias para o Ministério da Saúde e a cobertura de eventos importantes para a saúde pública.

ERRATA

Na última edição da **Revista de Manguinhos**, a matéria *Marçador de cura* foi equivocadamente atribuída a Cristiane Albuquerque. A autoria correta é de Solange Argenta.



Pioneirismo em dengue



Fiocruz traz ao país uma nova estratégia de pesquisa para o controle da dengue. O projeto Eliminar a Dengue: Desafio

Brasil utiliza a bactéria *Wolbachia* para bloquear a transmissão do vírus da dengue pelo mosquito *Aedes aegypti* de forma natural e autossustentável. O projeto integra o esforço internacional sem fins lucrativos do programa Eliminate Dengue: Our Challenge (Eliminar a Dengue: Nosso Desafio), que testa o método na Austrália, Vietnã, Indonésia e, agora, Brasil. O anúncio ocorreu no 18º Congresso Internacional de Medicina Tropical e Malária, no Rio de Janeiro.

O programa de pesquisa é liderado pela Universidade de Monash (em Melbourne, na Austrália) com diversos colaboradores internacionais. Em estudo com a participação do pesquisador da Fiocruz Luciano Moreira, líder do projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil, os cientistas demonstraram em laboratório que, quando é introduzida no *Aedes aegypti*, a *Wolbachia* atua como uma “vacina” para o mosquito, bloqueando a multiplicação do vírus dentro do inseto. Como consequência, a transmissão da doença é impedida. Naturalmente presente em cerca de 70% dos insetos no mundo, a *Wolbachia* é uma bactéria intracelular e não existem evidências de qualquer risco para a saúde humana ou para o ambiente. O projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil conta com financiamento da Fiocruz, Ministério da Saúde Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) e Departamento de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos (Decit/SCTIE), Ministério da Ciência, Tecno-

logia e Inovação (CNPq) e Foundation for the National Institutes of Health (Estados Unidos).

Do laboratório para o campo

O método de controle é baseado na soltura programada dos mosquitos com *Wolbachia*, que, ao se reproduzirem na natureza com mosquitos locais, passam a *Wolbachia* de mãe para filho através dos ovos. Com o passar do tempo, a expectativa é de que a maior parte da população local de mosquitos tenha *Wolbachia* e seja incapaz de transmitir dengue. O projeto australiano realiza desde 2011 a soltura de mosquitos com *Wolbachia* em localidades no norte daquele país – onde ocorrem casos de dengue, embora com números muito inferiores aos vivenciados no Brasil. Como conseguem transmitir a *Wolbachia* de geração em geração através dos ovos e possuem vantagens reprodutivas (tendo maiores chances de deixar prole), em poucas semanas os mosquitos com *Wolbachia* se tornaram predominantes nas populações locais de *Aedes aegypti*.

Caso os testes sejam bem sucedidos, o uso da *Wolbachia* tem o potencial de ser uma tecnologia autossustentável, uma vez que a perpetuação da característica é garantida no processo reprodutivo do mosquito, dispensando os custos de soltura continuada no ambiente. “Nossa expectativa é de que este método possa beneficiar milhões de pessoas que atualmente vivem em áreas endêmicas, de forma autossustentável e economicamente viável, sem danos ao ambiente”, afirma Moreira, pesquisador da Fiocruz e líder do projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil.

Eliminar a Dengue: Desafio Brasil

No Brasil, o projeto está em sua primeira fase. Neste momento, o projeto está focado, em ambiente de laboratório, na manutenção de colônias dos mosquitos com *Wolbachia* e no cruzamento com *Aedes aegypti* de populações brasileiras. A construção de uma estrutura de gaiola de grandes proporções no *campus* da Fiocruz, onde testes intermediários serão realizados, está programada para 2013. Além disso, estão sendo estudadas as localidades para os testes de soltura em campo previstos para 2014, o que inclui conhecer dados entomológicos sobre as populações de mosquitos locais.

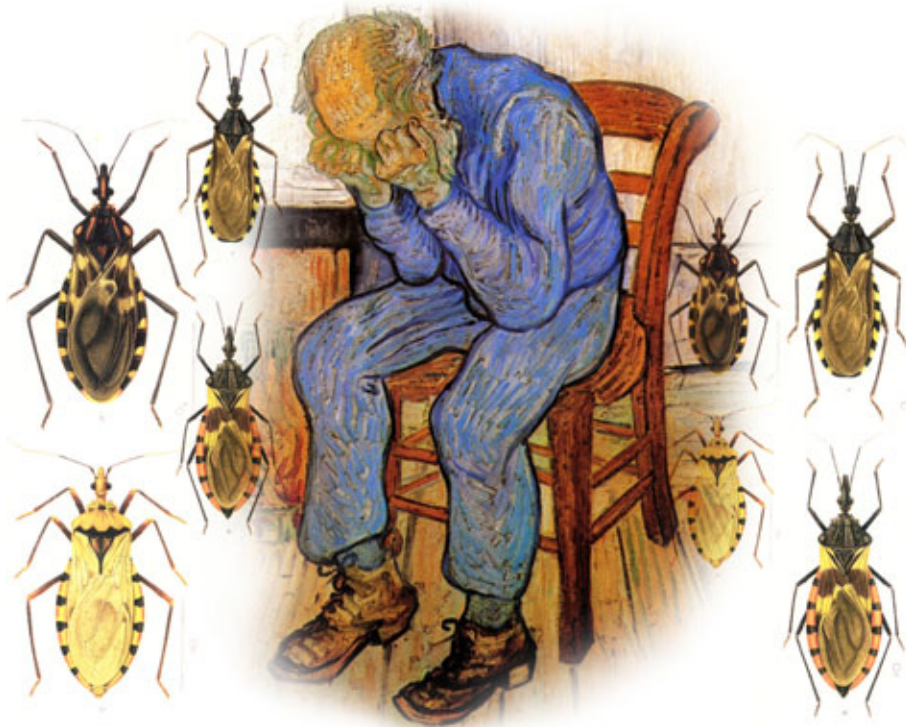
“Antes de qualquer definição das localidades, os moradores serão informados com todo o detalhamento necessário e serão previamente consultados sobre a adesão ao projeto. Para isso, contamos com uma equipe de engajamento comunitário, que está focada neste aspecto”, observa Moreira. “Havendo a aprovação das autoridades regulatórias e com o consentimento dos moradores das potenciais localidades, o planejamento é de que tenhamos os primeiros testes de campo com soltura dos mosquitos em maio de 2014, em época fora do pico de casos”, informa.

Após a soltura, a viabilidade do projeto será avaliada e as localidades serão monitoradas por vários meses para verificar se os mosquitos com *Wolbachia* conseguiram se estabelecer na natureza. Em fases posteriores, o impacto sobre a incidência de dengue será avaliado. A abordagem colaborativa é destacada pelo pesquisador Scott O’Neill, líder de pesquisa do programa internacional Eliminate Dengue: Our Challenge. “Após anos de trabalho em laboratório e dois anos de experimentos em campo na Austrália, é estimulante trabalhar em parceria com a Fiocruz. Esperamos, no futuro, contribuir para alcançar um impacto real na redução de transmissão da dengue no Brasil”, ressalta.





Desvendada a relação entre doença de Chagas e depressão



Isadora Marinho

No Laboratório de Biologia das Interações do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), a equipe liderada pela pesquisadora Joseli Lannes identificou que o próprio patógeno causador da doença de Chagas — o protozoário *Trypanosoma cruzi* — pode desencadear uma desordem imunológica e neuroquímica associada ao quadro depressivo entre os pacientes. “Uma marca inconfundível da depressão é a desistência do paciente — neste caso, do animal. Utilizamos dois grupos de camundongos, cada grupo foi infectado com cepas tipo 1 e tipo 2 de *T. cruzi*. Só o primeiro grupo apresentava imobilidade e desistência quando submetido a testes de depressão. Era um sinal preliminar de que a depressão, na doença de Chagas, po-

deria não ser um processo psicossomático”, assinala Joseli. O Laboratório de Biologia Molecular e Doenças Endêmicas do IOC colaborou com estudo, bem como pesquisadores a Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O parasito que joga contra a felicidade

Em busca dos biomarcadores que justificassem o comportamento apático dos camundongos, a equipe identificou que os níveis da enzima IDO, que compromete a síntese de serotonina, estavam acima do normal nos animais incluídos no experimento. De acordo com Joseli, isso ocorre porque a pre-

sença do parasito no organismo, ainda que reduzida na fase crônica da doença, induz à expressão da enzima IDO no sistema nervoso central. O próximo passo foi tratar os camundongos com uma combinação de benzonidazol, quimioterápico utilizado contra o parasito, e fluoxetina, antidepressivo que aumenta a disponibilidade da serotonina no cérebro.

Os pesquisadores partiram, então, para a análise dos níveis de fator de necrose tumoral (TNF) nos camundongos. Constatado que o nível de TNF era elevado nos animais, eles foram divididos em dois grupos e tratados ou com pentoxifilina, um imunomodulador que bloqueia a síntese de TNF, ou com anticorpo anti-TNF (bloqueador de atividade da citocina). A resposta foi positiva em ambos os casos. “Confirmamos que o quadro depressivo, na doença de Chagas, é resultado de um complexo circuito imunológico que interfere de forma contundente no sistema nervoso central, tendo como agente deflagrador o próprio parasito *Trypanosoma cruzi*”, concluiu.

Testes em humanos

Uma parceria entre o Laboratório de Biologia das Interações do IOC e o Ambulatório de Referência em Doença de Chagas, da Universidade de Pernambuco (UPE) possibilitará a realização de uma pesquisa clínica para investigar o uso da terapia sugerida pela equipe liderada por Joseli. Para a especialista, se comprovada a eficácia do protocolo sugerido, a implementação do mesmo nas unidades de saúde poderá ocorrer sem demora, uma vez que o benzonidazol, a pentoxifilina e a fluoxetina já estão aprovadas pela Anvisa e no mercado. 🌸



Novo paradigma
na busca de um
imunizante para a

Aids





Um artigo publicado na revista científica *Nature* representou a abertura de um novo paradigma na busca de uma possível vacina para o HIV. Até agora, os estudos buscavam uma abordagem focada nos anticorpos contra a síndrome. O estudo, que usa como foco uma abordagem celular, tendo como alvo as células T CD8, é liderado por David Watkins (Universidade de Miami) e contou com a colaboração da pesquisadora Myrna Bonaldo, chefe do Laboratório de Biologia Molecular de Flavivírus do IOC, Ricardo Galler (pesquisador de Bio-Manguinhos/Fiocruz),

Marlon Santana (bolsista do

Laboratório de Biologia Molecular de Flavivírus do IOC/Fiocruz) e Maurício Martins (brasileiro que atua na Universidade de Miami, na equipe de David Watkins).

Alvo celular

As células T CD8 protetoras estão associadas ao processo de controle da carga viral que ocorre nos chamados “controladores de elite”, indivíduos que apresentam uma limitação espontânea da replicação do HIV no organismo. Apesar de possuir o HIV, a pessoa não desenvolve o conjunto de sintomas que caracterizam a Aids. As células T CD8 atuam com função citotóxica: elas são verdadeiras células assassinas matando as células T CD4 infectadas com o HIV, que atuam como “fábricas” onde

o HIV se replica. “O próximo passo será descobrir o que torna estas células citotóxicas tão eficazes”, afirma Watkins. “O entendimento deste mecanismo poderia dar pistas de como desenvolver uma vacina efetiva”, complementa. “A intenção não era medir a capacidade de proteção desta ou daquela substância, mas comprovar que uma ação sobre a produção de células T CD8 seria uma alternativa interessante para pensarmos no caminho para o desenvolvimento de uma possível vacina”, situa Myrna.

Para testar a validade da abordagem celular, os pesquisadores utilizaram dois grupos de macacos rhesus. Um grupo recebeu diferentes compostos indutores de produção de células T CD8 protetoras. O outro grupo foi utilizado como controle, para permitir a comparação dos dados. Todos os primatas foram inoculados com o vírus SIV (o vírus específico de símios que é capaz de provocar um quadro análogo à Aids), seguindo o modelo experimental utilizado em todo o mundo nos estudos sobre a doença.

Engenheira de vacinas

Foi neste momento que entrou a contribuição da Fiocruz. A pesquisadora Myrna Bonaldo utiliza a vacina da febre amarela como uma “plataforma”, na qual introduz modificações genéticas que poderão servir como imunizantes para outras doenças. Para isso, corta e cola trechos de DNA, num processo complexo e cheio de etapas. Seu ajudante na tarefa é Marlon Santana, estudante de graduação em farmácia que teve o sonho de publicar na *Nature* precocemente concretizado.

“O trabalho tem um mecanismo de base celular, mediante o estímulo de produção de células T CD8. Este é um conhecimento que contribui para que se descubra o que é importante no desenvolvimento de uma vacina eficaz. Entretanto, é prematuro demais falar em uma potencial formulação de vacina”, pontua Myrna. “O estudo aponta um novo caminho possível, não mais focado em anticorpos, mas em contro-

le da replicação do vírus mediante a indução da produção de células T CD8 protetoras pelo organismo. É como se, na rodovia do estudo de vacinas para a Aids, estivéssemos fixando uma placa nova, apontando para um novo caminho, baseado na abordagem celular”, sintetiza Myrna.

Resultados

Em comparação com o grupo controle, o grupo de primatas que recebeu os compostos indutores de produção de células T CD8 apresentou importante redução na replicação do vírus – num processo semelhante ao que acontece de forma espontânea nos indivíduos “controladores de elite”. Além do sangue dos animais, amostras de órgãos e tecidos foram analisados. A redução da carga viral do SIV foi encontrada em todos os macacos durante a fase aguda da infecção. Em relação ao grupo controle, a replicação viral foi reduzida em mais de dez vezes na fase aguda.

Para observar a fase crônica, os primatas foram acompanhados ao longo de 50 semanas e o resultado de baixa replicação viral foi observado de forma sustentada ao longo deste período. Em comparação ao grupo controle, a redução na carga viral foi de até mil vezes. Em todos os animais testados, a redução da carga viral aconteceu na fase aguda. Na fase crônica, em apenas dois animais que receberam os compostos o vírus começou a replicar. Quando foram investigar o que houve nestes dois casos, os pesquisadores descobriram que aconteceram mutações no vírus SIV em regiões que eram ‘reconhecidas’ pelos compostos indutores de produção de células T CD8 protetoras.

Watkins também é cauteloso. “Há 30 anos se procura uma vacina para a Aids. Este é um percurso difícil e ainda temos muito chão a percorrer. Trata-se de um vírus com altíssima variabilidade genética, portanto é com se tentássemos atingir um alvo que se movimenta. Uma vacina eficaz provavelmente precisará incluir duas abordagens: tanto a de anticorpos neutralizantes quanto a de produção de células T CD8 protetoras”, pondera o especialista.





Fronteiras vulneráveis

Estudo analisa projetos de cooperação internacional que auxiliam o combate ao HIV nas fronteiras brasileiras

Renata Moehlecke

Considerado um país de dimensões continentais, o Brasil apresenta uma extensa fronteira, que corresponde a 30% do território nacional. Formada por cerca de 15,7 mil km, que passam por 588 municípios de 11 estados, essa vasta área fronteiriça faz com que o Brasil tenha contato com dez países. Toda essa extensão é vista como estratégica para a segurança nacional, principalmente no que se trata de trocas comerciais ou fluxos populaci-

onais. A ideia de trânsito intenso traz a tona uma preocupação com uma possível vulnerabilidade. Essa percepção não é diferente no que se trata de entender que melhorias podem ser realizadas no âmbito da saúde pública nas fronteiras. O estudo da pesquisadora Flávia The-dim Costa Bueno, uma dissertação defendida na Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz), visa contribuir justamente para essa questão. Flávia analisou acordos e projetos de cooperação internacionais em HIV/Aids a fim de compreender como o Brasil tem respondido à epidemia na região lindeira.

“Por ser uma região em que o contato entre os países supera as barreiras geográficas, principalmente nas chamadas cidades-gêmeas, a cooperação internacional torna-se premente para responder às questões que emergem nas fronteiras”, esclarece a pesquisadora. Flávia comenta que sua pesquisa foi inspirada por relatório do Ministério da Saúde que aponta: “As fronteiras brasileiras são notavelmente extensas, compreendendo quase todos os países da América do Sul. A presença de uma população altamente itinerante, a concentração de grupos como trabalhadores do sexo, a precariedade de serviços públicos como a saúde e educação, e a distância dessa região dos grandes centros urbanos do país, aumentam a vulnerabilidade da sua população ao HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis”.

Para a pesquisa, Flávia utilizou uma metodologia qualitativa para identificar as instituições envolvidas nos acordos e projetos bilaterais de cooperação e o andamento de iniciativas em negociação ou execução. Ela também avaliou atas da Comissão Intergovernamental de HIV/Aids do Mercosul, além ter realizado entrevistas com atores-chave. “O modelo brasileiro de resposta ao HIV/Aids é reconhecido internacionalmente como um caso de sucesso, e o governo brasileiro e demais países do Mercosul têm sinalizado a importância da atuação na área das fronteiras”, afirma Flávia. “Na América do Sul, o país tem se destacado por sua iniciativa, tendo atividades ou projetos de cooperação internacional em HIV/Aids

com quase todos os países, com cerca de dez acordos específicos em vigor”.

A análise da pesquisadora levantou diversos aspectos problemáticos para o combate à doença, sobretudo nas fronteiras triplíceis. “Os convênios internacionais de cooperação técnica têm se mostrado insuficientes para sanar os problemas da região e atender às necessidades apontadas pelo estudo. O Brasil, principalmente, pela gratuidade dos serviços oferecidos, é polo de atração de pessoas do outro lado das fronteiras. Nesse sentido, é premente que novas formas de cooperação e de estabelecimento de convênios que priorizem a temática do cuidado em relação ao HIV/Aids sejam realizados de modo a assistir a essa população que se mostra bastante vulnerável à infecção pelo HIV e a outras DSTs”, comenta. Segundo Flávia, foi observada uma grande disparidade quanto ao acesso ao tratamento. “Em muitos países, há pouca articulação inter-setorial, o que restringe a resposta à epidemia. Com relação especificamente à troca de serviços em saúde, diversos países têm iniciado diálogos no sentido de estabelecer essas relações, mas apenas o Uruguai está avançado nesse ponto. Os resultados dessa parceria com o Brasil poderão ser evidenciados em alguns anos e, possivelmente, servirão de base para a assinatura de formalizações adicionais nesse âmbito”.

A pesquisadora também aponta para o fato de que a pesquisa não identificou acordos bilaterais que versam especificamente sobre o HIV/Aids nas fronteiras. “No entanto, os acordos sanitários, apesar de bastante antigos, abrem caminho para uma possível cooperação nesse tema, principalmente sobre questões epidemiológicas”, destaca Flávia. “A formalização e implementação de fato de acordos de cooperação são essenciais para o atendimento integral tanto de estrangeiros como de brasileiros”.

O estudo de Flávia também evidenciou que o Brasil demonstra protagonismo em cooperações internacionais em HIV/Aids, seja com acordos bilaterais com os países com os quais tem fronteira (com exceção de Argentina, Guiana

e Venezuela) ou atividades de cooperação sobre o tema, tendo a pesquisa não apresentado registro dessas ações apenas com a Venezuela. “Essas iniciativas demonstraram ser coerentes com as carências das respostas nacionais ao HIV/Aids dos países estudados e indicaram que o Brasil tem cooperado, principalmente, em temas considerados pilares de sua resposta, como a aliança entre prevenção e tratamento, direitos humanos e participação da sociedade civil. Apesar da participação ativa da sociedade civil na resposta brasileira, essa característica não se repetiu nas ações de cooperação internacional em HIV/Aids brasileira”, aponta.

Flávia também constatou que a participação das organizações não governamentais (ONGs) nas atividades de cooperação ainda é apenas indireta. Com base no exame de pesquisas sobre HIV/Aids na fronteira, realizados por fontes oficiais como o Ministério da Saúde brasileiro, ela também indicou que existem deficiências no sistema de registro de notificação das unidades da fronteira e que a epidemia se encontra em expansão na região Sul do país, seguindo o padrão nacional, por exemplo, com relação à faixa etária ou ao aumento da incidência tanto entre homens quanto entre mulheres.

Ainda com base no estudo desses documentos, a investigação da pesquisadora revelou ainda que há numerosos problemas relacionados à qualidade da atenção e das ações de saúde relacionadas ao HIV/Aids, principalmente no que se refere à prevenção, com baixa prevalência do uso do preservativo, devido, também, às dificuldades de acesso ao mesmo, com problemas referentes a abastecimento e distribuição. Há ainda problemas na área de diagnóstico tanto do HIV quanto de outras DSTs (com exceção de sífilis), assim como a escassez de programas de aconselhamento, componente considerado essencial da estratégia brasileira de atenção destinada ao HIV/Aids. A prevenção da transmissão vertical também é deficiente na região e faltam testes rápidos e AZT nas maternidades de referência.





Estudo revela diferenças de fatores associados ao HIV entre profissionais do sexo



Danielle Monteiro

Devido à sua vulnerabilidade social e aos fatores relacionados à própria atividade, o grupo das mulheres profissionais do sexo é um dos segmentos populacionais sob maior risco de infecção pelo HIV. No Brasil, a taxa de prevalência de HIV nessa parcela da população, que corresponde a mais de meio milhão de mulheres, pode ser até 15 vezes mais elevada comparada à população geral feminina. Foi essa realidade que motivou a realização da tese *Análise de dados coletados por Respondent-Driven Sampling (RDS): um estudo da prevalência de HIV e fatores associados entre mulheres trabalhadoras do sexo*, assinada por Giseli Damacena e apresentada na Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz). Com o uso do RDS,

um método de amostragem probabilística criado especialmente para populações de difícil acesso, a tese revela diferenças significativas no perfil das profissionais do sexo segundo local de trabalho, indicando maior vulnerabilidade entre as mulheres que trabalham em pontos de rua.

Baseado nas informações do Projeto Corrente da Saúde – realizado com 2.523 mulheres desse grupo populacional em Manaus, Recife, Salvador, Campo Grande, Brasília, Belo Horizonte, Santos, Rio de Janeiro, Curitiba e Itajaí – o estudo identificou prevalência de HIV duas vezes superior (7,1%) entre trabalhadoras de pontos de rua em comparação às que trabalham em locais fechados (3,6%). “No grupo de profissionais do sexo de pontos de rua estão as mulheres mais velhas, com menor grau de escolaridade e renda, e com maior tempo na profissão, fatores estes associados ao maior risco de in-

fecção pelo HIV”, explica Damacena. O percentual de profissionais do sexo de pontos de rua detectadas com sífilis também foi mais alto (3%) em relação ao outro grupo (2,1%).

Além da maior incidência de HIV e de sífilis, as profissionais do sexo de pontos de rua têm menor acesso aos sistemas de saúde em relação às de locais fechados, conforme mostra o estudo. “A cobertura de exame preventivo de câncer de colo de útero entre as trabalhadoras do sexo de locais fechados foi de 61,8%, em nível bem inferior ao da população brasileira feminina de 18 a 69 anos de idade. Já entre as trabalhadoras de rua, a cobertura foi ainda menor, de apenas 53%”, revela a pesquisadora.

Outro fator influente foi o valor do programa, significativamente menor entre as que trabalham nas ruas. “De acordo com o preço do programa, os clientes se diferenciam pelo grau de escolaridade e nível de informação sobre os meios de transmissão da infecção pelo HIV. As mulheres profissionais do sexo, por sua vez, precisam muito do dinheiro e não conseguem negociar o sexo seguro”, argumenta Damacena. Associado à necessidade de dinheiro, segundo ela, está o consumo elevado de crack pelas trabalhadoras de rua, que, muitas vezes, fazem sexo sem proteção para a obtenção de dinheiro para a compra da droga. Já em relação à frequência de consumo de bebidas alcoólicas, o consumo foi maior entre as mulheres trabalhadoras de locais fechados.

Para a pesquisadora, os resultados indicam necessidade de estudos que incluam a estratificação por local de trabalho com vistas a ações adequadas de prevenção e assistência entre as mulheres profissionais do sexo. “As estratégias devem ampliar o acesso e o uso dos serviços de saúde, com a redução das desigualdades na cobertura de exame ginecológico e do teste periódico de sífilis, além de aumentar a distribuição de camisinhas, sobretudo entre as profissionais do sexo de rua, que têm menor poder aquisitivo e compram o preservativo com menor frequência”, propõe. ❁

Páginas de saúde pública

Após 20 anos, revista CSP tem novo corpo editorial



Filipe Leonel

A

Uma das principais fontes de informação da área científica em saúde pública editada na América Latina, a revista **Cadernos de Saúde Pública (CSP)** conta agora com um novo trio de editoras-chefes, as pesquisadoras Claudia Travassos, Cláudia Medina Coeli e Marília Sá Carvalho. Com perfis acadêmicos e personalidades diversas, o trio assume o cargo que foi, durante 20 anos, do pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz) Carlos Coimbra Jr. “Nosso desafio é dar continuidade a esse projeto editorial de sucesso, trazendo mudanças que dinamizem ainda mais a relação da revista com o campo da saúde coletiva”, afirmaram as pesquisadoras no editorial do volume 28, número 11 (novembro de 2012) de **Cadernos**.


A atuação de Carlos Coimbra Jr. como editor de **CSP** teve início no volume 8, em 1992, após o comando dos pesquisadores Luiz Fernando Ferreira, Frederico Simões Barbosa, Paulo Buss e Sergio Koifman, com a missão de expandir o periódico por todo o país. Ao longo destas duas décadas como editor-chefe, Coimbra obteve algumas conquistas, como a indexação da revista nas bases Medline/PubMed e Web of Science, a criação da biblioteca eletrônica SciELO e um grande aumento na visibilidade da publicação nos

dias de hoje, com cerca de 250 artigos publicados por ano, selecionados a partir de aproximadamente 1,4 mil novas submissões anuais.

“Em 1985, ano da fundação da revista, foram publicados 25 artigos. Ao longo de sua primeira década, a média de artigos por volume de **CSP** passou para 40. T tamanha demanda levou a revista a adequar sua periodicidade, inicialmente trimestral, para mensal. Com isso, ela se firmou como o periódico latino-americano da área da saúde pública com a maior produção anual de artigos”, informa Coimbra.

A transição da revista foi marcada pela realização de um evento no início de outubro, em que Coimbra e as novas editoras falaram sobre o passado e as perspectivas futuras da publicação. Na ocasião, ele afirmou que, desde a adesão ao sistema SciELO em 1998, **CSP** é a revista cujos artigos são os mais acessados em toda a biblioteca eletrônica, totalizando mais de 21 milhões acessos. “Isso representa uma média de 1,5 milhão de artigos acessados/ano, cifra impensável se considerarmos a era pré-SciELO, quando o único meio disponível para um leitor interessado em acessar um de nossos artigos era por meio de cópia em papel”, explicou Coimbra.

Com a nova composição da revista, consolida-se a participação de pesquisadores externos nos quadros da Fiocruz na função de editor-chefe, fortalecendo **CSP** como canal de di-

vulgação da produção científica da saúde coletiva brasileira e internacional, sem recorte institucional. As mudanças já anunciadas pela atual gestão envolvem a criação da seção *Perspectivas*, que abrirá espaço para debate de temas atuais na revista, a publicação do resumo e editorial do fascículo em três idiomas (português, inglês e espanhol) e a atualização da página eletrônica de **CSP**. 

As novas editoras

Claudia Travassos, que acompanha **CSP** há 20 anos, é pesquisadora do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz) e atua na investigação em serviços de saúde.

Marília Sá Carvalho, epidemiologista, trabalha com diferentes aspectos da modelagem estatística e é pesquisadora do Programa de Computação Científica da Fiocruz.

Cláudia Medina Coeli, epidemiologista e professora do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Iesc/UFRJ), tem como principal área de interesse o uso de dados secundários na pesquisa e avaliação em saúde.



Fiocruz completa um ano nas mídias sociais

Data é comemorada com o lançamento de dois novos produtos nas redes





Com mais de 4 mil “curtidas” no Facebook e 16 mil seguidores no Twitter, a Fiocruz comemorou no dia 27 de fevereiro um ano de seu lançamento oficial nas principais redes sociais. Segundo o coordenador-geral da Comunicação Social da Fiocruz, Wagner de Oliveira, a decisão de se integrar às redes sociais fez parte de uma proposta estratégica mais ampla que prevê a ampliação de canais de comunicação junto à sociedade e o debate sobre o papel dessas mídias para o campo da saúde. “O advento e o crescimento das chamadas mídias sociais estão trazendo uma nova conformação para o campo da comunicação social, do controle social, da cidadania, do relacionamento dos governos com a sociedade, nas formas de produzir, distribuir e compartilhar diferentes conteúdos, nas possibilidades de ampliação e diversificação da participação coletiva. Não queríamos apenas aderir à moda do Twitter ou do Facebook. Nosso objetivo é fazer um trabalho sério de comunicação com foco no usuário e informação qualificada”, explica Oliveira.

A Coordenadoria de Comunicação Social gerencia, atualmente, um canal no YouTube (www.youtube.com/fundacaoswaldocruz), um perfil no Twitter (www.twitter.com/fiocruz), dedicado à divulgação de notícias e serviços de todas as unidades da Fiocruz, e uma página no Facebook (www.facebook.com/oficialfiocruz), com foco nas agendas, programas e ações da Fundação. No Twitter, os usuários também podem seguir a **Agência Fiocruz de Notícias** (www.twitter.com/agencia_fiocruz), um canal com perfil mais noticioso voltado para as últimas novidades das pesquisas desenvolvidas na Fiocruz.

Além das contas gerenciadas pela presidência, várias unidades da Fiocruz também já aderiram às redes com perfis independentes de forma a assegurar a comunicação com um público mais segmentado. “A aposta em uma aproximação maior com os nossos usu-

ários a partir desses novos instrumentos de comunicação vem ao encontro do conceito ampliado de saúde e do nosso compromisso com a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) e na superação das desigualdades”, destaca o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha.

Para marcar a data comemorativa, a Fundação lançou dois novos produtos nas redes sociais: uma página no Facebook da Carta ao Cidadão (www.facebook.com/cartaaocidadao-fiocruz) e uma galeria de fotos no Flickr (www.flickr.com/photos/fiocruz).

Fan page da Carta de Serviços ao Cidadão

Na fan page da *Carta de Serviços ao Cidadão*, os usuários encontrarão informações sobre os serviços oferecidos pela Fundação, os compromissos com os resultados e as principais formas de contato com a instituição. Mais do que garantir o acesso a essas informações, a iniciativa de abrir mais este canal de comunicação com a população é incentivar ativamente o uso da *Carta de Serviços ao Cidadão* como instrumento de controle social e ampliar a participação dos usuários visando à melhoria dos serviços prestados. “A ideia é realmente ouvir o cidadão. Queremos informá-lo sobre os nossos serviços, encaminhar diretamente suas dúvidas, mas, acima de tudo, queremos ouvir críticas e sugestões de melhoria no atendimento. Elogios também são muito bem-vindos”, brinca a coordenadora de Mídias Sociais da Fiocruz, Pamela Lang.

A segunda edição da *Carta de Serviços ao Cidadão* elaborada pela Fiocruz foi lançada ainda em dezembro do ano passado. O instrumento define as prioridades e expressa o compromisso da instituição com a prestação de serviço de qualidade ao cidadão de acordo com as exigências do Decreto nº 6.932/2009, que dispõe sobre a simplificação do atendimento ao público. É um instrumento proposto pelo Programa Nacional de Gestão Pública e Desburocratização (GesPública) do Mi-

nistério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) para apoiar as instituições públicas na melhoria contínua da qualidade da gestão pública.

Carta de Serviços ao Cidadão:

[www.facebook.com/
cartaaocidadao-fiocruz](http://www.facebook.com/cartaaocidadao-fiocruz)

Flickr

Na galeria da Fiocruz no Flickr é possível ter acesso a diversas imagens de eventos e dos espaços e das unidades da Fundação, incluindo laboratórios e áreas de produção de vacinas e medicamentos. Embora a galeria esteja aberta ao público geral, o foco desta iniciativa é facilitar o trabalho da imprensa, disponibilizando imagens institucionais de qualidade em diferentes resoluções. A galeria terá atualização permanente.

Flickr:

www.flickr.com/photos/fiocruz

Outros reconhecimentos na web

Embora a inserção da Fiocruz nas mídias sociais seja recente, sua atuação na web já tem uma história consolidada, com reflexo em visibilidade e credibilidade. Em julho de 2012, a Fundação alcançou a 57ª posição no *ranking* mundial de centros de pesquisa com maior visibilidade na web. Em relação ao continente americano, incluindo todas as instituições de pesquisa, a Fundação obteve a 28ª posição e, no *ranking* latino-americano, o 3º lugar. Dois anos antes, em 2010, em enquete realizada pela Folha de S. Paulo, o *site* da **Agência Fiocruz de Notícias** foi citado por pesquisadores de diversas instituições com uma das fontes mais confiáveis nas áreas de saúde e ciência.





**Carta de
Serviços
ao Cidadão**
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Compromisso com a sociedade

Pamela Lang


A Fiocruz lançou, no fim de 2012, uma nova edição da *Carta de Serviços ao Cidadão*. O instrumento, que teve a primeira versão publicada em 2011, apresenta todos os serviços que a Fundação oferece, com horários de atendimento, requisitos, telefones e endereços, e expressa os compromissos da instituição no atendimento a seus diversos públicos. Proposto pelo Programa Nacional de Gestão Pública e Desburocratização (GesPública) do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), a carta tem o objetivo de apoiar as instituições públicas na melhoria contínua da qualidade da gestão pública e fortalecer a gestão participativa e o controle social.

A nova versão, no entanto, carrega um diferencial: foco nos compromissos e nos canais de comunicação. “Nesta edição refinamos os compromissos firmados com a sociedade e o portfólio de serviços em anexo, que demonstra as prioridades na prestação de serviços por cada unidade da Fiocruz. Enfatizamos também os canais de comunicação, de acesso à Fiocruz, e os compromissos que devem ser monitorados e acompanhados pela soci-

idade”, conta a coordenadora da Qualidade da Fiocruz e secretária executiva do Comitê Subsetorial GesPública-Fiocruz, Mirian Cohen.

Segundo o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, a iniciativa faz parte do “esforço concentrado da Fiocruz em aprimorar a sua gestão do atendimento, reunindo um conjunto de práticas de planejamento, gestão da qualidade, direção e controle que visam agregar valor aos serviços prestados aos cidadãos, parceiros, fornecedores e demais partes interessadas, os distinguindo como cidadão detentor de direitos dos serviços públicos”. Desta forma, a *Carta de Serviços ao Cidadão* passa a funcionar também como instrumento indutor de melhorias na gestão da qualidade. “Ao estar comprometida com o atendimento prestado ao cidadão e com a responsabilidade pela garantia dos recursos necessários à implementação da carta, a alta administração da Fiocruz assume seu papel orientador e fomentador, reconhecendo que o processo pode ocasionar mudanças na maneira como os serviços são prestados, necessitando um aprendizado diário e motivação por parte das pessoas que executam os serviços”, destaca o presidente.

Carta de Serviços ao Cidadão chega às mídias sociais

Como parte dos esforços para alcançar uma parcela cada vez maior da população, em 27 de fevereiro deste ano foi criada uma *fan page* da *Carta de Serviços ao Cidadão* no Facebook (www.facebook.com/cartaocidadadaofiocruz). Nela, os usuários encontrarão informações sobre os serviços oferecidos pela Fundação, os compromissos com os resultados e as principais formas de contato com a instituição. Mais do que garantir o acesso a essas informações, a iniciativa de abrir mais este canal de comunicação com a população é incentivar ativamente o uso da carta como instrumento de controle social e ampliar a participação dos usuários visando à melhoria dos serviços prestados. “A ideia é realmente ouvir o cidadão. Queremos informá-lo sobre os nossos serviços, encaminhar diretamente suas dúvidas, mas, acima de tudo, queremos ouvir críticas e sugestões de melhoria no atendimento”, afirma o coordenador de comunicação social da Fiocruz, Wagner de Oliveira. 

Acesse a *Carta de Serviços ao Cidadão* no Portal da Fiocruz (www.fiocruz.br) e curta a página no Facebook

www.facebook.com/cartaocidadadaofiocruz





Saúde com solidariedade

Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano expande atuação e é referência mundial

Aline Câmera e Renata Moehlecke

A maior e mais complexa rede de cooperação internacional político-estratégica para a redução da mortalidade infantil é fundamentada em um gesto simples: a doação de leite materno. Foi com base na força potencial desse espírito solidário que, em 1985, pesquisadores começaram a investir em um banco de leite humano (BLH) sediado no atual Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz). O trabalho de pesquisa e desenvolvimento tecnológico realizado no IFF fez com que a unidade se tornasse um centro de referência nacional, possibilitando que o projeto se expandisse para todos os estados. Fruto de uma ação integrada entre a Fiocruz e o Ministério da Saúde, hoje a Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (rBLH-Br) é composta por 211 BLHs e 115 postos de coletas. A iniciativa não para por aí: a experiência brasileira também se tornou um modelo de referência mundial, servindo como base para a criação de um Programa Ibero-Americano de Bancos de Leite Humano (IberBLH). A cooperação internacional segue em crescimento: já chegam a 23 os países da América Latina, Europa e África que adotaram a tecnologia do BLH desenvolvida pelo Brasil.



“O banco de leite humano surgiu como uma estratégia de qualificação da assistência neonatal em termos de segurança alimentar e nutricional, com foco em ações que ajudam a reduzir a morbimortalidade infantil em instituições hospitalares. O trabalho é voltado para um seguimento muito específico: crianças que demandam cuidados especiais em unidades de terapia semi-intensiva e intensiva, ou seja, bebês que nasceram prematuros, com baixo peso, crianças que pelas mais variadas razões precisam de uma atenção especializada”, esclareceu o coordenador da rBLH-Br e da IberBLH, João Aprígio. “Além disso, a iniciativa também inclui uma forte política de apoio à amamentação: toda e qualquer mulher que tenha problemas ou dificuldades para amamentar pode procurar apoio nos bancos de leite humano”.

Em 2012, a rBLH-Br beneficiou cerca de 175 mil recém-nascidos internados em Unidades de Tratamento Intensivo (UTI) e atendeu quase 1,4 milhão de mulheres com algum tipo de dificuldade relacionada ao aleitamento. Em 2013, já são mais de 39 mil e 438 mil o número de crianças e mães assistidas, respectivamente. A dimensão do projeto também pode ser avaliada por seus resultados no que se refere à doação. Atualmente, são mais de 180 mil litros de leite humano coletados por ano no Brasil e nos países participantes do projeto de cooperação. Em 2013, já foram coletados mais de 32 mil litros em solo brasileiro. Para o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, é um orgulho enorme para a Fundação participar do programa de BLHs de expandir a rede para todo o Brasil e também para o cenário internacional. “A experiência da Rede BLH-BR agrega impactos para a saúde e envolve parcerias que só comprovam que, quando se tem vontade política e competência técnica, é possível melhorar a saúde da população em escala nacional e mundial”.

Todo o leite coletado passa por etapas de análise imunológicas e microbiológicas. Contudo, o trabalho nos bancos de leite humano não se restringe a pesquisa básica, mas une esforços no que

se trata da aplicação clínica ou da vida cotidiana dos pacientes. “No IFF, logo percebemos que não adiantava focar só na questão do leite, era preciso uma intervenção mais direta, observando o aleitamento em um contexto mais ampliado de saúde pública: a saúde da criança começa com a saúde da mulher”, explicou Aprígio. “Passamos, assim, a colocar como condição obrigatória para o funcionamento das unidades a atenção à mãe. É sempre preciso criar uma estrutura de amparo: quando a criança for para casa, ela precisará mamar no peito e, se é criado um suporte para a mãe antes mesmo disso, na maior parte dos casos, isso se torna possível”.

A experiência brasileira

Na Fiocruz, desde o início, o trabalho de pesquisa no banco de leite humano foi pautado no investimento em tecnologia moderada e de baixo custo, mas sensíveis o suficiente para assegurar um padrão de qualidade reconhecido internacionalmente. “Em um movimento quase natural começamos a juntar pesquisa acadêmica e serviço e o IFF se tornou um espaço de desenvolvimento de soluções voltadas para o melhor auxílio ao campo da atenção neonatal no Sistema Único de Saúde”, comentou Aprígio. “O exemplo mais emblemático que temos de uma dessas soluções tecnológicas de baixo custo são os frascos para o condicionamento de leite. Em 1985, os frascos utilizados eram feitos de silicone por dentro e tinham que ser importados, o que gerava um custo muito alto. Quando começamos a procurar alternativas para esse uso, descobrimos que frascos recicláveis de maionese ou café solúvel não apresentavam diferenças significativas em termos imunológicos ou microbiológicos. Isso possibilitou uma redução de custos de cerca de 85%”.

Aprígio esclarece que, no que se trata de melhorias relativas ao controle de qualidade na coleta, no processamento e na distribuição do leite humano, o investimento tem sido grande: nos

cinco congressos realizados pela rBLH-Br, foram contabilizados 860 trabalhos voltados para suprir necessidades encontradas no Sistema Único de Saúde (SUS), também ligadas à proteção, promoção e apoio ao aleitamento. “Com o tempo, em cada localidade que conta com um banco de leite humano, aprendemos a lidar com as particularidades e com as políticas regionais, adaptando o modelo dentro de um plano nacional de qualidade. Agora, nossa maior preocupação na consolidação da rede tem relação com a qualidade da assistência prestada: em 2012, todos os bancos de leite que são referências estaduais foram certificados. Em 2013, queremos dar continuidade ao credenciamento dos demais”, afirma o coordenador.

Para ele, todo esse crescimento nacional só se tornou possível devido ao apoio do Ministério da Saúde, que adotou a amamentação como estratégia de segurança alimentar e investiu em pesquisa e desenvolvimento tecnológico na área. “Foi por ser considerada estratégica e ter recebido investimentos que a rBLH-Br pôde se desenvolver ao ponto de ser considerada um paradigma internacional”, observa Aprígio. Para o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, há um elemento crucial para o sucesso do trabalho que é desenvolvido. “Um dos diferenciais da rBLH-Br é o fato de estar organizada não somente por tecnologias e conhecimentos, mas por pessoas extremamente engajadas na causa da diminuição da mortalidade infantil, para qual a amamentação e a garantia do fornecimento de leite humano de qualidade a recém-nascidos de alto risco são de relevância fundamental”, afirma.

Expansão internacional

Desde 2000, a rBLH-Br já opera com aderência direta aos objetivos traçados pela Organização das Nações Unidas (ONU) no que se refere ao cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, particular-

mente para a redução da mortalidade infantil e melhoria da atenção à saúde das gestantes. Em 2001, o esforço efetuado já apresentou reconhecimento com o Prêmio Sasakawa de Saúde concedido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que indicava o melhor projeto de saúde pública com inegável impacto positivo de suas ações. O processo de ampliação da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano para o continente americano foi, assim, o passo lógico seguinte, que teve início em 2003 com o apoio da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas). O principal objetivo era efetivar cooperações que permitissem a difusão da informação científica e tecnológica para outros países latino-americanos. "Com a ajuda da Organização Mundial da Saúde, em 2005, conseguimos realizar o primeiro fórum de cooperação internacional com a participação de 13 países, incluindo os Estados Unidos e a Inglaterra, e cerca de 2.500 profissionais", relata João Aprígio. Em 2007, o cenário de cooperação cresceu ainda mais com a formação do Programa Ibero-americano de Bancos de Leite Humano, que agora conta com a participação da Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Espanha, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

"Com a ajuda do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, conseguimos unir esforços com outros países para a construção de uma rede forte e pautada em qualidade", aponta Aprígio, também coordenador da IberBLH. "É válido ressaltar que visamos uma cooperação baseada não apenas em transferência de tecnologia, mas de princípios: a rede é uma estratégia de qualificação técnica e ambiental em termos de segurança alimentar e nutricional fundamentalmente voltada para auxiliar os países a atingir as metas dos objetivos do milênio, particularmente no que diz respeito à redução da mortalidade infantil com ênfase no componente neonatal. Não importa se o banco está na África, na América, na Guatemala, El Salvador, Espanha ou Portugal: a metodologia de controle de qualidade praticada é a mesma

► Banco de leite humano do Instituto Fernandes Figueira



em qualquer banco de leite da rede seja no Brasil e nos países parceiros”.

Aprígio ainda ressalta que a troca de experiências com os outros países tem sido muito rica. “O aprendizado proporcionado pela parceria com a Colômbia, por exemplo, trouxe ao Brasil o método canguru, que pode ser oferecido ao recém-nascido prematuro de baixo peso e sua família. Nele, o bebê fica em contato direto com a mãe, aconchegado em seu peito”, explica o pesquisador. “Já são mais de 20 anos de cooperações construídas. Os ganhos para todos os envolvidos são numerosos, já que é muito gratificante o trabalho realizado: quando vemos que um bebê recém-nascido, que não tinha condições imunológicas de sobreviver sem o auxílio do banco de leite humano, está cuidado e já consegue absorver e digerir nutrientes sozinho, com uma mãe igualmente amparada, podemos constatar que todo o empenho para a consolidação e manutenção de uma rede de qualidade vale muito a pena”.

Dia Mundial de Doação de Leite Humano

Em ação inédita pelo incentivo à doação de leite humano e contra a mortalidade infantil, o Brasil e outras 23 nações da América Latina, Caribe, Península Ibérica e África tem se mobilizado pela criação do Dia Mundial de Doação de Leite Humano, a ser comemorado em 19 de maio. A data simboliza a união de esforços para a salvaguarda da vida de milhões de crianças, em todo o mundo. A iniciativa é coordenada pelos ministérios da Saúde dos países que integram a Rede Internacional de Bancos de Leite Humano, pelo IFF/Fiocruz, pela Opas e pelo Fundo das Nações Unidas pela Infância (Unicef).

A data foi definida durante o 5º Congresso Brasileiro de Bancos de Leite Humano e no 1º Fórum de Cooperação Internacional em Bancos de Leite Humano, realizados de 28 a 30 de se-

tembro de 2010, em Brasília, quando foi elaborada a *Carta de Brasília*, documento assinado por representantes dos 24 países integrantes da rede. Seja pelos benefícios diretos que tal iniciativa gera para a saúde infantil, seja pelo o que representa esta união de esforços entre nações, em favor de uma causa tão nobre, a criação do Dia Mundial de Doação de Leite Humano está se tornando uma realidade, a partir de campanhas individuais realizadas com o objetivo de unificar a data. Em maio de 2012, o Rio de Janeiro assumiu posição de vanguarda ao aprovar a lei que cria a Semana Estadual de Doação de Leite Humano.

Na ocasião, o IFF foi duplamente homenageado: além da moção honorosa dedicada ao centro de referência, o instituto foi agraciado com a Medalha Tiradentes, mais alta condecoração concedida pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. “Tenho certeza de que este projeto será o ponto de partida para a construção de uma mobilização nacional, para resgatar, junto à sociedade, a cultura da ama-

► Em 2013, já são mais de 39 mil e 438 mil o número de crianças e mães assistidas, respectivamente



mentação. Diante do cenário de crise que se passa pelo mundo, com bancos quebrando, a nossa rede de bancos nunca vai quebrar. O trabalho feito pelo IFF é de extrema importância, mas, sem as doadoras, nada disso seria possível. Dedicamos esta homenagem a elas”, afirmou, na ocasião, o diretor do IFF, Carlos Maciel.

De fato, a exemplo do Rio, diversos outros estados, entre eles Ceará, Santa Catarina e Goiás, além do Distrito Federal, concentraram esforços em prol da mobilização. Por sua trajetória a favor da amamentação, a atriz Maria Paula esteve a frente da iniciativa, representando o coletivo de mulheres que, de forma solidária, doam leite materno para recém-nascidos que dele dependem como fator de sobrevivência. “Minha história de luta pelo aleitamento materno começou em 2004. Durante esse tempo, eu acompanhei a importância do trabalho realizado pela rBLH-Br e decidi abraçar essa mobilização em prol do Dia Mundial de Doação de Leite Humano”, declarou a atriz. Grande militante da promoção ao aleitamento, Maria Paula estrelou a campanha lançada pelo Ministério da Saúde no final do ano passado, ao lado do seu filho Felipe e de Julia Victória, que recebeu o leite doado pela atriz no período em que esteve internada do IFF. “Presenciar o abraço sincero do meu filho biológico com a irmãzinha dele de leite, como ele mesmo fala, foi lindo. Perceber que, efetivamente, eu contribuí na salvaguarda da vida de um bebê que hoje está com quatro anos e saudável é uma sensação indescritível”, ressaltou.

Em junho do mesmo ano, durante reunião realizada na Argentina, o Conselho do Mercado Comum do Mercosul aprovou o documento que criou o Dia da Doação Voluntária, Gratuita e Altruísta de Doação de Leite Humano. Por considerar que as ações de promoção, proteção e apoio ao aleitamento são essenciais tanto para o desenvolvimento a curto, médio e longo prazo na saúde de toda a população, quanto para a diminuição da morbimortalidade infantil, os Estados Partes do conselho defenderam a cau-



► A princesa Mary (no alto, à direita), a atriz Maria Paula e mães que são funcionárias no IFF em evento de promoção de doação de leite materno

sa. A exemplo do Mercosul, meses depois, a União das Nações Sul-Americanas (Unasul), formada por 12 países, oficializou a criação da data.

A mobilização também está sendo levada para a Europa por intermédio da Associação Europeia de BLH. Em setembro de 2012, a princesa Mary, da Dinamarca, reservou parte de sua agenda no Brasil para conhecer o trabalho desenvolvido pelo Cen-

tro de Referência Nacional e Iberoamericano de Bancos de Leite Humano. Durante a visita ao IFF, a princesa teve a oportunidade de interagir com gestantes, mães de prematuros receptores de leite humano, doadoras e nutrizas que buscam apoio para amamentar diretamente seus filhos. As etapas do processamento e da pasteurização do leite humano também foram incluídas no roteiro.


Por que e como doar

Para dar continuidade ao processo de incentivo à doação voluntária, no Brasil, na mesma linha do último ano, em 2013, o Ministério da Saúde colocou novamente em cena o binômio doador e receptor. Desta vez, a campanha retrata a história de dona Ilza Pereira, que há 42 anos, ao doar seu leite excedente, contribuiu para

salvar a vida de João Marcelo Bôscolli, produtor musical, filho de Elis Regina.

A campanha tem o objetivo de mobilizar mulheres em todo o Brasil para o ato da doação de leite humano. O leite doado aos bancos de leite humano ou postos de coleta de todo o país passa por um processo de seleção, classificação e pasteurização até que esteja pronto para ser distribuído com qualidade certificada a bebês prematuros e/ou de baixo peso internados em unidades de terapia intensiva neonatais. Todas as mulheres em fase de amamentação e

que produzam um volume de leite que excede a necessidade de seu filho podem doar. As lactantes também devem ser saudáveis e não podem fazer uso de medicamentos que impeçam a doação.

“Quando você está amamentando seu filho e ainda alimenta outros bebês que estão precisando, o prazer é dobrado, triplicado, multiplicado por mil”, enfatiza a atriz Maria Paula. Para saber como doar leite humano ou esclarecer dúvidas sobre amamentação, consulte o site www.redeblh.fiocruz.br ou ligue gratuitamente para 0800 026 8877. 



► Nos grupos de gestantes é possível tirar as principais dúvidas sobre o aleitamento

O cotidiano no IFF

De portas abertas para apoiar, proteger e promover a amamentação, o BLH do IFF/Fiocruz recebe em média mil mães por mês, que vem tanto da rede privada, quanto da pública ansiosas por auxílio técnico e emocional. Já no corredor é possível ouvir o chorinho dos pequenos. Muitos chegam a perder peso em função da dificuldade da pega.

A médica obstetra Ana Carolina Abi-Ramia, defensora do aleitamento exclusivo se deparou com um grande obstáculo logo nos primeiros dias de vida do seu primogênito. “Sempre achei que amamentar era uma questão que estava intimamente ligada à maternidade e que pra mim seria algo natural. Eu sempre tive a orientação teórica da pega e a maior boa vontade do mundo, mas na prática as dificuldades foram imensas. Eu passei por um momento de frustração muito grande e por isso busquei auxílio do banco de leite humano”, declara.

No IFF, Ana Carolina encontrou apoio emocional e foi orientada em relação a técnicas de relactação. “O Luciano estava com dificuldade na pega e por isso a sucção não era adequada e ele começou a perder peso. Para retornar ao aleitamento exclusivo nós propomos à mãe essa técnica em que o bebê recebe leite da sonda junto com o peito. Aos poucos a sonda é retirada e a criança se acostuma apenas com o peito”, explica a enfermeira do BLH Elaine

Cristina. Ao final do atendimento, o sorriso de alívio da mãe dizia tudo: Luciano havia mamado até ficar saciado.

A conscientização da importância do leite materno exclusivo até os 6 meses de idade e a continuidade como alimento complementar até os 2 anos ou mais começa ainda no pré-natal. Durante os grupos de gestantes é possível tirar as principais dúvidas das futuras mamães, além de desmistificar crenças antigas que possam contribuir para o desmame precoce. Um mito muito frequente está relacionado aos gêmeos. A mãe pode amamentar dois ao mesmo tempo? A resposta é sim. Amamentar dois não só é possível, como também recomendável.

Essa lição Monique Lopes aprendeu direitinho: “A equipe me recebeu como se fosse minha própria família. Eu tenho leite suficiente para alimentar os dois e a prova disso é que eles estão aqui saudáveis. Aqui no BLH eu aprendi que basta estimular a produção do leite que dá certo”. Já a jovem Thainá Barbosa não só está amamentando seus dois bebês como se tornou doadora. Para ela, o gesto é uma forma de agradecimento. “Quando os meus filhos nasceram, eles ficaram na UTI Neo e receberam leite doado. Graças a esse leite eles estão evoluindo bem e hoje estamos na Unidade Canguru. Como tenho muito leite, estou retribuindo e doando o excedente para poder salvar outras crianças”, conclui Thainá.

Uma experiência exitosa na África

Danielle Monteiro



A implantação dos Bancos de Leite Humano não se limita ao território iberoamericano. Em 2011, a iniciativa foi levada a Cabo Verde, na África, com a missão de contribuir para a melhoria da qualidade da atenção à saúde da mulher e da criança e reduzir o índice de mortalidade infantil naquele país. Com o apoio do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz) e da Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores (ABC), o projeto foi implantado no Hospital Central da Praia Agostinho Neto, tornando-se o primeiro banco de leite humano do continente.

Para o coordenador da Rede de Bancos de Leite Humano, João Aprígio (IFF/Fiocruz), a iniciativa representa um marco para a saúde da criança em Cabo Verde, país que ainda apresenta uma alta taxa de mortalidade infantil. “Os bancos de leite humano se voltam para um segmento muito específico, que são, particularmente, crianças que demandam cuidados de unidades de terapia neonatal intensiva e semi-intensiva: bebês prematuros, de baixo peso, que por variadas razões precisam de uma atenção de terceiro nível mais especializado”, destaca. O apoio ao país é dado não somente para a implantação do BLH, mas também na estruturação de uma política nacional pró-aleitamento materno. “Se o país não tiver essa política, auxiliamos na estruturação e, se tiver, ajudamos na revisão. Não buscamos a transferência de tecnologia, mas sim de princípios, para que qualquer país tenha flexibilidade de adaptá-los às suas realidades”, explica.

Com pouco mais de um ano de funcionamento, a iniciativa já mostrou benefícios. Os resultados referentes tanto à produção de leite materno quanto ao número de crianças e mulheres atendidas foram positivos e já provocaram impacto em Cabo Verde, conforme revela Aprígio: “Avaliamos uma redução de 50% da mortalidade das crianças internadas no hospital”. A ideia é dar continuidade à ação levando a experiência a outros hospitais daquele país. “Vamos implantar um BLH na cidade de Mindelo, no Hospital Dr. Batista de Souza, que deve começar a funcionar no segundo semestre deste ano”, afirma.

A cooperação internacional com a África para a implantação de BLHs não para por aí. Em 2010, foi firmado um acordo entre o Brasil e Moçambique para o funcionamento de um BLH no Hospital Geral de Maputo. O projeto de construção civil para a implantação do banco de leite foi entregue ao Ministério da Saúde de Moçambique em fevereiro desse ano. O BLH deve começar a funcionar em, no máximo, seis meses após a entrega da obra. Além do fortalecimento de ações de atenção à saúde materna e neonatal e de promoção da saúde infantil e do adolescente, o projeto inclui a aquisição de equipamentos, transferência de tecnologia, capacitação de profissionais e a criação de uma Biblioteca Temática de Saúde Materno-Infantil e do Adolescente. “Também será construído um centro de lactação, que servirá como reforço para um componente de atenção primária de aleitamento”, acrescenta Aprígio.

Outro país a receber o BLH será Angola, onde o projeto já está pronto, aguardando apenas trâmites diplomáticos. “Já fizemos todos os estudos de viabilidade e as partes técnicas e de



► Moçambique, Angola, Cabo Verde e África do Sul são países com os quais o IFF tem parceria

política pública de saúde estão de acordo”, afirma Aprígio. Para a concretização da experiência nos três países, será investido o total de US\$ 341 mil, por parte da ABC, e US\$ 177 mil, pela Fiocruz. Os bancos de leite serão ampliados ainda a outros países do continente, entre eles, a África do Sul, onde já foi feito um estudo de verificação *in loco* para que a experiência seja aplicada de acordo com a realidade da região. “A África do Sul já tem iniciativas de coleta e distribuição de bancos com alguns aportes do modelo inglês. O projeto foi elaborado, eles nos visitaram no Rio de Janeiro e o acordo encontra-se em fase de assinatura”, adianta Aprígio.

Os desafios para a efetivação do projeto nos países africanos são numerosos, tanto de ordem cultural quanto geopolítica e econômica, conforme narra Aprígio. Porém, para ele, nenhum é capaz de impedir o funcionamento dos BLHs nessas regiões, nem mesmo o tabu de que as mães dificilmente irão doar leite para outras crianças ou aceitar que seus filhos o recebam de outras mulheres. “A mãe, ao ver o filho de outra em uma UTI neonatal, se solidariza e não vê o menor problema em doar. Em Cabo Verde, por exemplo, não houve esforço por parte do governo na procura por mulheres, aconteceu naturalmente. Esses movimentos se dão em ordem crescente”, conclui. 🌟



Bio-Manguinhos não para

Rodrigo Pereira

No Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos/Fiocruz), quando o expediente de cerca de 1,3 mil funcionários termina, o trabalho está apenas começando para outros 50. Eles fazem parte do plantão noturno e trabalham durante toda a madrugada, executando atividades essenciais em uma unidade produtora de imunobiológicos, como recavação (vedação dos frascos com selo metálico) e revisão de produtos liofilizados, embalagem, descarregamento de liofilizador, descongelamento de concentrados virais, dentre outras. A maioria está alocada no Departamento de Processamento Final da unidade (DEPFI), onde se concentram as tarefas da produção. Mas os departamentos de Vacinas Virais (Devir) e de Reativos para Diagnóstico (Dered) e a Divisão de Envase de Vacinas do Pavilhão Rockefeller (Dieva-PRF), também conhecido como Laboratório de Liofilização (Lalio), também têm trabalhadores à noite. Além de funcionários da empresa terceirizada Coprest – que prestam serviços de engenharia e manutenção –, brigadistas de incêndio, recepcionistas e seguranças. A popular frase “a noite é apenas uma criança”, certamente, pode ser dita por todos eles.

O plantão noturno funciona em escalas de 12 horas de trabalho, com 36 de descanso. Mas nem sempre foi assim. “Antes, de 2000 a 2002, trabalhávamos de 15h à meia-noite. Por conta da violência nas comunidades vizinhas esse horário foi suspenso. Em 2003, foi implantado o atual sistema de 12 por 36 horas”, explica Antônio Lúcio Ventura, que na época exercia atividades na Divisão de Rotulagem e Embalagem (Direb), primeira área a contar com o trabalho à noite. “Em 2005, com a inclusão da vacina tríplice viral (TVV), a atividade de recavação passou a ser feita também no período noturno e quantidade de pessoas neste horário começou a crescer”, acrescenta o chefe da Seção de Vacina Liofilizada, Alexander da Silva Neves.

O expediente começa para a maioria deles às 17h. Outros poucos iniciam suas jornadas às 18h. As atividades que os esperam já são conhecidas e normalmente as mesmas, salvo imprevistos. “Eles podem dar sequência a um processo produtivo – como embalagem, por exemplo – que esteja em andamento e/ou começar um novo lote de vacinas”, explica o gerente do DEPFI, Jorge Mario Costa Xavier, que conta com dois grupos noturnos – denominados G1 e G2 – que se revezam, cada um com 12 funcionários. Segundo o gestor do G1, Daniel Almada, o turno da noite tem um papel funda-





mental nas metas da unidade. “Para conseguirmos atender a demanda de entrega de vacinas, é preciso trabalhar dia e noite. Caso contrário, teremos muita dificuldade em cumprir o planejado”, afirma. Até o dia 30 de novembro, Biomanguinhos havia entregado mais de 103 milhões de doses de vacinas aos programas do Ministério da Saúde e das agências das Nações Unidas.

Para dar suporte à área de processamento final de vacinas, é essencial o apoio de outros setores. O Departamento de Engenharia e Manutenção (Depem) é um deles. Dois técnicos – um mecânico e um eletricista – ficam à disposição para eventuais consertos e reparos em equipamentos no período noturno. A Divisão de Boas Práticas do Departamento de Garantia da Qualidade (Dibop/Degaq) possui um posto avançado dentro do DEPM. Uma pessoa faz o controle e as validações necessárias. Algumas tarefas, no entanto, às vezes precisam esperar o sol raiar para serem executadas ou retomadas, quando, por exemplo, há algum problema de informática. Nesse caso é preciso aguardar os técnicos da área de TI chegarem, o que ocorre às 8h.

As atividades executadas de madrugada também têm grande contribuição naquelas realizadas de dia. Os plantonistas noturnos fazem o preparo e a esterilização dos materiais e das roupas que serão usadas no turno seguinte, além da limpeza das áreas. Eles também ligam aqueles equipamentos que precisam “esquentar” antes de começar a operar. Tudo isso para que os colaboradores que iniciam o expediente às 8h não percam tempo com estas tarefas. No Devir, duas duplas da Divisão de Antígenos Virais (Dianv) se revezam no descongelamento dos concentrados virais (*bulks*) dos vírus de sarampo, caxumba e rubéola para a formulação da vacina TVV. “Essa é a atividade principal. Manuseamos o princípio ativo da vacina. Obrigatoriamente, esse descongelamento tem que ser feito à noite, por durar oito horas”, explica Adriana Vaccari, chefe da Di-

anv. “Qualquer problema neste processo pode impactar o imunizante”, acrescenta.

Problemas ou imprevistos, aliás, são parte da rotina de uma organização, seja de dia ou de noite. Por conta disso, os gestores cujas áreas operam 24 horas por dia estão atentos e disponíveis a qualquer momento. O e-mail é muito utilizado para fazer a interface com aqueles que trabalham na madrugada, assim como o telefone e relatórios, gerados ao fim de cada expediente com a listagem das atividades executadas no período. No DEPM, existe o Caderno de Atividades Noturnas, onde podem ser consultadas as tarefas que devem ser feitas. Mas às vezes o contato pessoal é necessário. A gerente do Devir, Wânia Renata dos Santos, já teve que sair de casa tarde da noite para resolver problemas na unidade. “Precisamos estar disponíveis caso aconteça algo não planejado. Faz parte do trabalho”. Em comum, o fato de deixarem seus celulares sempre ligados e por perto.

Na madrugada da Seção de Soluções e Diluentes (Sesod/Dered) o processo de envase também é uma das atividades executadas. A diferença, em relação ao DEPM, é o produto envasado. No Sesod, os recipientes que compõem os kits de reativos para diagnóstico são preenchidos com soluções tampão. Além disso, as seis pessoas que trabalham na seção (duas equipes de três funcionários) montam bandejas e fazem controle de volume. “O turno da noite começou em agosto para atender uma demanda que saltou de sete para 700 mil frascos envasados por mês”, explica o chefe da área, Jorge Batista, cuja equipe passou a contar com uma nova envasadora para dar conta do crescimento.

Um trabalho pouco percebido, porém tão importante quanto aquele realizado de dia. Jorge Mário resume bem a importância dos plantonistas. “É um grupo que faz aquele trabalho de formiguinha que não aparece tanto, mas que é fundamental”. Quando o sol se põe em Manguinhos, para muitos, uma longa jornada está apenas começando.





Prontos para voar

Artesãos tornam-se empreendedores após o incentivo proporcionado por Farmanguinhos

Maritiza Neves

Fazer artesanatos utilizando materiais sustentáveis não é novidade. O que se apresenta como novo é o horizonte dos artesãos da Feira do Talento. Concebido há três anos, pelo Núcleo de Gestão Social (NGS) do Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos/Fiocruz), o projeto presta assessoria direta a um grupo de moradores de vários bairros do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense para qualificação por meio de atividades de formação sócioeducativas, capacitações, oficinas, cursos de gestão de empreendimentos, estímulo a experiências concretas de produção e comercialização mais coletivas.

O programa contribuiu para o acesso, inicialmente de 50 artesãos às oportunidades de trabalho e renda, condições essenciais à inclusão e mobilidade social; fomentando o desenvolvimento de novos modelos sócioprodutivos coletivos e de autogestão, além de estimular a produção e comercialização de trabalhos artesanais. Também incentiva a criação de redes de empreendimentos populares solidários e, assim, com vistas ao fortalecimento das relações de intercâmbio entre os demais atores econômicos e sociais.

Agora, em 2013, a capacitação chegará ao fim e 32 artistas darão um grande passo em direção à tão sonhada autonomia. O NGS acredita que o grupo tem condições de conduzir, sozinho, a Feira do Talento. Todavia, como tudo que é novo causa insegurança, os artesãos serão acompanhados de perto por uma comissão integrada por profissionais de Farmanguinhos, da Secretaria Especial de Desenvolvimento Econômico Solidário (Sedes) e outros patrocinadores, como o Instituto Invepar e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Se-

► Os artesãos têm agora um horizonte a conquistar



brae). Essa equipe tem como missão acompanhar e dar suporte ao processo de transição e independência dos novos empreendedores.

Na Coordenação Técnica da Feira do Talento, Tânia Santos trabalhou diretamente com os artesãos e, agora que estão prontos para alçar voo, disse que “foi difícil não sentir um nó na garganta”. Os artistas se tornarão empreendedores e farão toda a gestão da feira. Desde a logística até conseguir o local para exposição. “Sinto um misto de sentimentos. Estou feliz em vê-los indo à luta”, diz, emocionada.

A coordenadora da Gestão Social de Farmanguinhos, Magali Chuquer Portela, compara a nova condição ao “momento de dar à luz”. “Está sendo como um parto. Vimos o grupo nascer, engatinhar, crescer e, agora, amadurecer. De posse de todas as ferramentas passadas, absorvido todo o processo, eles deverão trilhar e traçar seus próprios caminhos”, comemora.

Com um grande horizonte a ser conquistado e tendo em mente aonde querem chegar, os novos empreendedores experimentam uma mistura de medo, ansiedade e insegurança. Para os artesãos, colocar o “pé na estrada” é necessário, apesar do friozinho na barriga. A artesã Angelita da Silva Cavalcanti, da Cidade de Deus, está no projeto desde o início. Antes, trabalhava com emborrachados. Após passar pela capacitação, mudou o seu material de trabalho. “Ao entender como funciona a economia solidária e a responsabilidade sócioambiental, deixei o emborrachado para trás e hoje trabalho com garrafas pet, que é mais sustentável”, observa.

Também morador da Cidade de Deus, o artista Luiz Carlos da Silva sempre trabalhou pintando telas nas ruas do Rio de Janeiro. Ao entrar para o projeto, reorganizou suas metas e hoje está pronto para dar novas cores ao seu destino. “Eu vivo das pinturas dos meus quadros. Ter participado das capacitações me amadureceu. Antigamente, pintava só em telas. Agora, me vejo pintando em vários tipos de superfície. Desta forma, amplio o meu campo de vendas”, comenta, envaidecido.

Para a artesã Denise de Albuquerque Mota Guedes, que mora no bairro de Padre Miguel, a Feira do Talento, além de prepará-la para o empreendedorismo, fez com que ela aprendesse a trabalhar em grupo. “Sempre gostei de fazer artesanato. Mas não gostava de arriscar. Sempre fui tímida e medrosa. Agora, sou mais organizada, sei como lidar com os clientes. Fiz novas amizades. Esse projeto só agregou coisas boas à minha vida” afirma.

Já Suely Dias de Paula Santos, moradora de Anchieta, com a bagagem de conhecimento adquirido desde o início, almeja ampliar os seus horizontes. “Dá medo andar sozinha. Mas, já está na hora. Por meio dos cursos aprendi sobre técnicas de venda, como abordar o cliente, ter capital de giro, fazer estoque e muito mais. Crio peças para decoração com jornais, garrafas pet e filtro de café. Com eles quero ir muito longe. Sou muito grata a Farmanguinhos. Vocês vão ouvir muito sobre a Feira do Talento”, almeja.

A partir deste ano, com a criação dos pontos solidários pela Secretaria de Economia Solidária, após validar o desejo de uma comunidade, que era fa-

zer artesanato para vender, formatar, financiar e acompanhar o projeto, o NGS deixa de fomentar esse empreendimento dentro da Cidade de Deus. Se dedicará a assistir e apoiar os artistas, além, é claro, de se orgulhar com o progresso de seus talentosos “filhos”.

Responsabilidade ambiental

O NGS de Farmanguinhos está sempre atento aos princípios de valorização das identidades culturais, respeita as técnicas e saberes locais, incute a responsabilidade sócioambiental e o comércio ético e solidário, além de estar ligado às ações e projetos que possibilitem o desenvolvimento de capacidades, habilidades e cultura do trabalho. Objetiva, com isso, estimular potencialidades e vocações econômicas.

A prova disso é o projeto Eco Rede. Nasceu na Cidade de Deus e está direcionado a promover o desenvolvimento socioambiental das comunidades localizadas no entorno da Linha Amarela, a partir de um amplo e integrado projeto de Educação Ambiental e Geração de Trabalho e Renda.

A Eco Rede é composta por um grupo de catadores que recolhem materiais recicláveis em pontos instalados ao redor da via expressa, em empresas e instituições parceiras. Farmanguinhos integrou-se ao projeto ao instalar o seu eco ponto, no qual colaboradores podem depositar o lixo doméstico passível de reciclagem, contribuindo, dessa forma, para a geração de renda dos catadores simultaneamente enquanto colabora para tratamento adequado dos resíduos. 🌱





Patrimônio da Humanidade ao alcance de todos



Jacqueline Boechat

Faz 100 anos que os pesquisadores Belisário Penna e Arthur Neiva organizaram expedições a fim de conhecer a realidade da saúde e das condições de vida dos chamados “sertões” brasileiros. Imagens desta e de outras épocas que contam a história da saúde no Brasil estão reunidas em uma coleção de cerca de 8 mil negativos de vidro, que dentro de um ano estará à disposição de pesquisadores, estudantes e produtores culturais, dentre outros, em um Banco Público de Imagens. O conjunto de documentos iconográficos tem imagens inéditas e está desde 1980 sob a guarda da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz).

O reconhecimento internacional dá a dimensão da importância dos negativos. A exemplo dos arquivos pessoais de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, os documentos foram reconhecidos como Patrimônio da Humanidade, no programa Memória do

Mundo, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em outubro. Para a chefe do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da COC, Maria da Conceição Castro, a distinção não apenas garante a preservação constante: facilita e justifica as solicitações de apoio financeiro, necessárias a esse fim”, ressalta.

O projeto do Banco de Imagens Público, que está sendo desenvolvido pelo DAD, consiste em digitalizar e identificar os negativos, e deve durar aproximadamente um ano: três meses para a captação da imagem em positivo digital e nove para a conferência, item a item, por meio da comparação com o negativo de vidro. Ao final desse processo, o acesso ao usuário será feito de maneira mais rápida, garantindo ainda a preservação dos originais, que não precisarão ser manipulados constantemente. A expectativa é de que o público possa fazer consultas dos acervos pela internet já a partir de meados do próximo ano.

O conjunto contém fotos científicas, com imagens de doentes, microorganismos e tratamentos; de expedições científicas; de personagens históricos da área da saúde; da expansão das áreas urbanas; da arquitetura, entre outras. O material possibilita várias formas de pesquisa e utilização, de acordo com Aline Lopes Lacerda, pesquisadora do Serviço de Arquivo Histórico da COC: “é possível estudar o desenvolvimento urbano de parte do Rio de Janeiro, a partir da ocupação de Mangueiros e da construção da Avenida Brasil, por exemplo”.

A técnica dos negativos de vidro foi utilizada até início dos anos 30, quando o filme flexível se popularizou, e até a década de 40 na Fiocruz. Apesar da durabilidade, a preservação desse tipo de material é delicada. Os negativos devem ser limpos com pincéis macios ou pó de borracha, embrulhados em papel adequado a esse fim e armazenados em local com temperatura e umidade controladas. ❁



Do papel para o concreto



► Pedra fundamental da futura sede do Centro de Documentação e História da Saúde

Jacqueline Boechat

Aos poucos, o prédio do Centro de Documentação e História da Saúde (CDHS) deixa de ser um projeto para transformar-se em realidade. Em outubro, foi lançada a pedra fundamental do complexo de cinco pavimentos que reunirá todos os acervos científicos e culturais da saúde sob a guarda da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), incluindo três patrimônios da Humanidade. A parte inicial do trabalho, prevista para durar 18 meses, compreende a construção das estruturas e a colocação das fundações. A instalação de tapumes, a implantação do canteiro de obras e a demolição de um galpão para armazenamento foram as intervenções realizadas até o momento.

Durante a demolição, foram encontrados vestígios do que pode ter


sido o alicerce do depósito de um complexo de incineração de lixo urbano do século 19. Como o *campus* de Mangueiros é um sítio arqueológico, a possibilidade já havia sido considerada previamente. Em 2010, o Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) da COC desenvolveu um estudo que indicou a necessidade da realização de uma pesquisa arqueológica no local. “Pela análise da sobreposição de vestígios do século 19 com a planta atual do *campus*, pode-se afirmar que o alicerce encontrado faz mesmo parte do antigo complexo, o qual incluía uma chaminé”, declara Inês El-Jaick Andrade, arquiteta do DPH.

A COC incluiu uma pesquisa arqueológica no escopo da obra, que foi encaminhada para a aprovação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). “O Iphan deve aprovar o projeto, por meio de uma portaria, autorizando as escavações na

área com a supervisão de um arqueólogo, o que deve ocorrer até meados de dezembro. Até lá, essa parte do trabalho está suspensa”, ressalta a chefe da seção de Infraestrutura Fiocruz e engenheira responsável pela obra Luciana Falcão.

Atualmente, está sendo construída uma nova subestação de energia elétrica para substituir a que deve ser removida do terreno onde ficará o prédio. “Isso é indispensável para garantir que o fornecimento de energia do entorno não seja interrompido e nos permite prosseguir enquanto esperamos a resposta do Iphan”, explica Luciana.

Assim que as escavações puderem ser retomadas, a Fiocruz deverá fazer uma proposta ao Iphan para preservar os vestígios arqueológicos, sem interromper as obras. “Tudo vai depender do que vamos encontrar e em que estado de conservação estará”, destaca Inês. O projeto do CDHS pode, por exemplo, incorporar as estruturas antigas por meio de janelas arqueológicas, que permitirão ao usuário e ao visitante ter um vislumbre do passado, enquanto transita por uma edificação que reflete o futuro. Nada mais lógico para um centro cuja missão é justamente a guarda da memória.

Desde a elaboração do seu projeto, que obteve do Inmetro a nota máxima do Programa Nacional de Eficiência Energética em Edificações (Procel Edifica), o CDHS tem a sustentabilidade ambiental, o aproveitamento dos recursos naturais e a inserção harmônica do prédio no entorno como expressões de ordem. Tal cuidado se verifica até mesmo nos tapumes cobertos com grafites relacionados ao acervo a fim de informar de maneira lúdica e moderna a comunidade interna e os visitantes sobre a importância da construção. As crianças da creche da Fiocruz, vizinha ao CDHS, também contribuíram, deixando sua marca em forma de desenhos coloridos nas placas. 



▶ O projeto de restauração ecológica utiliza moradores da região

Investimento

verde

BNDES apoia projeto de restauração ecológica com R\$ 2,5 milhões

Ricardo Valverde



Campus Fiocruz da Mata Atlântica (CFMA), em Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, deu início ao Projeto de Recuperação e Restauração Ecológica em seu território. Orçado em R\$ 2,5 milhões, obtidos junto ao BNDES, o projeto teve origem a partir do diagnóstico do uso e ocupação do solo da região da antiga Colônia Juliano Moreira e na verificação do risco que a forte pressão antrópica exerce sobre a Mata Atlântica na vertente sudeste do Maciço da Pedra Branca, onde está o CFMA. Segundo uma das coordenadoras do projeto, a bióloga e doutora em biologia vegetal Andrea Vanini, a proposta é gerar modelos sustentáveis para a restauração florestal e conservação dos serviços ambientais do maciço e têm como foco a revitalização das microbacias dos rios Pavuninha e Engenho Novo ambos, localizados em Jacarepaguá. O projeto também busca o enriquecimento com espécies nativas frutíferas, conservação do patrimônio genético e a proteção da faixa marginal e de áreas de APPs, além da organização de cursos de capacitação em agente de restauração florestal e viveirista, em convênio com o Laboratório de Responsabilidade Sócio-Ambiental do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, coordenado pelo pesquisador João Silva.

“Vamos trabalhar abaixo da cota 100 – o limite de 100 metros de altitude em relação ao nível do mar; com plantio de mudas e acima da cota 100 com semeadura direta, principalmente de palmito – *Euterpe edullis*. Toda esta região do CFMA, que no passado sediou fazendas de cana de açúcar e


café, passou por séculos de devastação. Em geral, em 1 hectare de Mata Atlântica encontram-se cerca de 400 espécies de árvores. Aqui, no entanto, estamos encontrando uma média de apenas 40 espécies”, afirma Andrea. Outro problema observado pela bióloga e equipe é a expressiva quantidade de espécies exóticas, como pés de jaqueira e de Jamelão, que serão gradativa e corretamente retirados e substituídos por plantas nativas da Mata Atlântica. “Isso tem que ser feito de maneira equilibrada, porque a fauna da região pode já estar acostumada com esses frutos e delas extraem seus alimentos”, diz Andrea, acrescentando que o enriquecimento ambiental é uma das tarefas do projeto para conservação e incremento da fauna nativa. O processo de licenciamento ambiental para a retirada de árvores exóticas já foi apresentado à Secretaria Municipal do Meio Ambiente, órgão responsável pelo procedimento. Junto com Andrea no projeto estão também a bióloga e coordenadora Ivonne San Martin Gajardo, a engenheira florestal Renata Moysés Carrione e o engenheiro agrônomo Marcelo Stumbo.

A sustentabilidade dos projetos de recuperação e restauração ecológica está diretamente relacionada à origem das sementes e à produção de mudas de boa qualidade e alta variabilidade genética. Andrea diz que a coleta de sementes para a produção de mudas será realizada nas áreas no entorno do Parque Estadual da Pedra Branca. As coletas serão restritas às áreas abaixo da cota de 100. As sementes serão catalogadas, armazenadas e semeadas no viveiro do Horto-Escola do CFMA, que está em reforma para abrigar a atividade, com a utilização de mão de obra local, capacitada nos cursos que são organizados pela equipe técnica do projeto.

Outra parceria, com pesquisadores do Laboratório de Sementes do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, prevê o desenvolvimento de estudos relacionados ao potencial de germinação de sementes para uso direto no solo em projetos de restauração

florestal. A cooperação, além de oferecer o conhecimento científico por meio de orientação técnica, disponibiliza a estrutura do laboratório de sementes da instituição. Os dados que complementarão as informações sobre as espécies presentes no CFMA, sua importância ecológica, potencial medicinal e grau de ameaça, auxiliarão a definição das estratégias de conservação.

Andrea adianta que o Horto-Escola, que será instalado no CFMA, garantirá não somente a produção de mudas para a restauração florestal, mas também o desenvolvimento de atividades pedagógicas para preparação de mão-de-obra qualificada para um mercado de trabalho promissor, que tem crescido bastante na região. Assim, o projeto também pretende constituir uma intervenção social direcionada à população do entorno do CFMA que seja capaz de elevar o nível de formação básica e profissional das comunidades, possibilitando a geração de oportunidades de emprego pela oferta de cursos nas áreas de meio ambiente.

Para a equipe envolvida no projeto de recuperação, a relevância da questão ambiental está expressa nas diretrizes do Plano Diretor do Campus Fiocruz da Mata Atlântica, dentre as quais podem ser citadas a garantia da conservação da biodiversidade; a criação de corredores ecológicos integrando fragmentos vegetais, de forma a facilitar o fluxo de espécies vegetais e animais; e a valorização e preservação dos elementos do patrimônio ambiental. O projeto quer restaurar o ecossistema onde o *campus* está inserido para que volte a propiciar os serviços naturais, melhore a qualidade de água, previna problemas de abastecimento, reduza a erosão, e controle populações de espécies silvestres que possam ser vetores e reservatórios de zoonoses. “Além disso, vamos proteger a flora e fauna da Mata Atlântica, um bioma considerado como um dos hotspots mundiais, ou seja, uma das prioridades para a conservação de biodiversidade no planeta”, resume Andrea. 



O som que vem das montanhas

Palácio Itaboraí, em Petrópolis, monta orquestra de câmara com jovens



► Ensaio da Orquestra de Câmara do Palácio Itaboraí

Ricardo Valverde



s primeiros acordes já começaram a ecoar pela serra fluminense. O som erudito vem dos ensaios da Orquestra de Câmara do Palácio Itaboraí (OCPI), cujas atividades tiveram início em dezembro, nesse prédio histórico de Petrópolis que é administrado pela Fiocruz. Os alunos são adolescentes e jovens de baixa renda da Cidade Imperial e os

professores são profissionais com passagens por instituições como o Conservatório Brasileiro de Música (CBM) e universidades. Os 30 alunos têm aulas à tarde, durante a semana, de segunda-feira a sábado (menos às sextas-feiras). Na OCPI, os instrumentos são violino, viola, contrabaixo acústico, flauta transversa, violão erudito e violoncelo. Futuramente haverá também piano.

O projeto de criação da OCPI faz parte do plano do Fórum Itaboraí:

Política, Ciência e Cultura na Saúde, da Presidência da Fiocruz, sob a direção de Felix Rosenberg, como uma das estratégias de trabalhar a redução das desigualdades sociais como determinantes de iniquidades em saúde. O maestro e compositor Sergio Barboza, autor da música do centenário da Fiocruz e regente da OCPI, diz que o projeto é de capacitação profissional, preparando os jovens músicos para o mercado de trabalho. “Mas queremos formar cidadãos, não



apenas músicos. Nas aulas também temos a preocupação com a saúde e a postura adequada para os instrumentistas”, afirma Barboza.

A professora Mary Rios, coordenadora do projeto, explica que, desde o início da gestação da iniciativa, queria trabalhar a cidadania no ensino musical. “Temos aqui um espaço e uma condição únicos na cidade, com professores que recebem uma bolsa e estão plenamente motivados”, observa Mary. Além das aulas de instrumentos, há ainda as

de canto coral, teoria musical, preparação de orquestra e audição musical, nas quais os jovens veem filmes e ouvem CDs. O curso terá duração de três anos e, de acordo com Mary, deixará os alunos prontos para encarar os vestibulares das faculdades públicas de música. Antes disso, porém, ela prevê muitas apresentações da orquestra nas escolas públicas do município, como forma de divulgar o projeto e estimular o gosto pela música erudita.

Para o professor Celso Franzen Jr, que dá aula de teoria e coral e é regente auxiliar, “o projeto da OCPIT é fantástico”. Gaúcho de Santa Maria e morador do Rio de Janeiro, uma vez por semana ele sobe a serra para dar aulas. Professor do CBM, bacharel em piano e com uma pós-graduação em regência, ele quer levar a concepção orquestral para o cotidiano dos alunos e nas aulas explica com minúcias a hierarquia dos instrumentos em uma orquestra, apresenta a função de um *spalla* – o primeiro violino, que é o último músico a entrar no palco e responsável por afinar o grupo, antes da chegada do maestro –, detalha os segredos dos sons agudos, graves e médios e, com suas palavras, entusiasma os jovens. Franzen também é ministro de música da Primeira Igreja Batista de Cordovil, na qual rege o coro e lidera o Ministério de Cântico.

Uma das alunas mais devotadas à música é Ana Carolina Lima Mayworm, de 17 anos. Petropolitana e aluna do primeiro ano do Ensino Médio, ela estuda violoncelo há três anos. Com a mãe cantora em uma igreja batista e uma prima que é violonista da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), Ana Carolina convive com a música desde cedo. Ela começou a tocar violão aos 6 anos e depois experimentou teclado e violino. Mas se apaixonou mesmo pelo violoncelo ao se encantar com o *vibrato* – a oscilação de uma corda do instrumento usando um dedo, o que produz um som diferenciado. Após dois anos tocando violoncelo em cursos, em 2012 ela ganhou um dos pais. E desde então ensaia duas horas por dia, todos os dias. “E nos fins de semana treino por ainda mais horas. Se não tiver vio-

loncelo o meu dia fica incompleto”, afirma a estudante, que ainda não sabe que faculdade pretende fazer, já que além da música também tem interesse em cursar medicina. “Estou no lugar certo, já que aqui na Fiocruz poderei juntar as duas áreas”.



SAIBA MAIS

Uma **orquestra de câmara** é um grupo instrumental composto por um menor número de músicos e instrumentos, quando comparada a uma orquestra sinfônica ou filarmônica. Em geral faz apresentações em ambientes restritos, daí o nome “câmara”, que é referência ao local – nos palácios reais, câmaras eram pequenos cômodos. Enquanto uma orquestra sinfônica ou filarmônica é composta por mais de 50 instrumentos e destina-se a apresentações em grandes teatros ou ao ar livre, a orquestra de câmara é composta por poucos instrumentos, destinada a apresentações no interior de edificações, para um público reduzido.

► A violoncelista Ana Carolina Mayworm





Começa o segundo mandato

Reempossado, Paulo Gadelha estará à frente da Fiocruz por mais quatro anos

Ricardo Valverde



presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, tomou posse em 1º de março para o seu segundo mandato à frente da instituição.

Reeleito pelos servidores da Fundação em novembro, Gadelha foi reconduzido ao cargo por decreto da presidente Dilma Rousseff e empossado em cerimônia no *campus* de Manguinhos que contou com a presença do ministro da Saúde, Alexandre Padilha. Ao discursar, Padilha disse que o processo democrático e participativo da Fiocruz, reafirmado com a solenidade de posse, é um exemplo para outras instituições e reforça o papel singular que a Fundação ocupa na História do Brasil. “Temos uma noção exata do que a Fiocruz passou a representar para a saúde e a ciência nos últimos dez anos, ao ganhar uma dimensão ainda maior do que já tinha. E na próxima década, com tudo que está planejado e será investido, passará a ter mais destaque, contribuindo para tornar o país menos desigual e iníquo”.

Bastante emocionado, o que o levou a interromper o discurso em diversas ocasiões, Gadelha agradeceu a confiança depositada nele pelos servidores, que o reelegeram, e exclamou que “a intimidade e a familiaridade que me unem a Manguinhos mesclam-se com o sentimento de uma enorme responsabilidade de projetarmos um legado, que é patrimônio nacional, e

“ A Fiocruz vem contribuindo, com papel destacado, para as concepções do conceito e das formas e instrumentos de consolidação do Complexo Econômico-Industrial da Saúde, orientada para dar respostas às demandas sociais e de sustentabilidade do SUS. ”

Paulo Gadelha

realizar expectativas". A cerimônia contou com a participação do secretário municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Hans Dohmann, do diretor-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Dirceu Barbano, dos deputados federais Jandira Feghali (PCdoB-RJ) e Darcisio Perondi (PMDB-RS), do secretário-executivo do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luiz Antonio Elias, do secretário de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde, Carlos Gadelha, do presidente do Instituto Sul-Americano em Saúde (Isags), José Temporão, de presidentes de associações do setor saúde (públicas e privadas), de representantes de comunidades do entorno da Fundação e do presidente do Sindicato dos Servidores da Fundação (Asfoc-SN), Paulo Garrido.

Ao fazer uma correlação entre a atuação e o crescimento da Fiocruz nos últimos dez anos e a situação nacional, Padilha observou que expansão da cobertura de atenção básica à saúde, que neste período subiu de 16 milhões para 100 milhões de brasileiros, a redução pela metade das mortalidades materna e infantil, as ações de cooperação sulsul na área da saúde, a formação de recursos humanos, a melhor gestão dos hospitais federais, o incremento na produção de medicamentos e vacinas, entre outros itens, têm a participação direta ou indireta de pesquisadores da Fundação. "Esses avanços se devem à consolidação desta instituição como referência para o sistema público, universal e gratuito de saúde", disse o ministro. Segundo Padilha, há um espaço a ser ocupado pela Fundação tanto no mercado nacional de saúde quanto no internacional, desde que, sem abrir mão de seu caráter público, transforme seu modelo gerencial: "assim a Fiocruz poderá exportar vacinas, incorporar novas tecnologias, produzir novos medicamentos e insumos e ampliar sua posição como Instituição Estratégica de Estado para a Saúde".

O ministro lembrou que no dia seguinte à posse o município do Rio de Janeiro passaria a contar com 500 médicos selecionados para participar do Programa de Valorização do Profissional da Atenção Básica (Provab), inicia-



► O ministro da Saúde, Alexandre Padilha, discursando na cerimônia de posse

tiva que conta com a parceria da Fiocruz. E, para reforçar o aspecto ímpar do processo eleitoral da Fundação, comentou que, entre todos os membros do Colegiado do Ministério da Saúde, o presidente da Fundação é o único eleito. Todos os demais, em seus respectivos cargos, são indicados e nomeados.

Em sua intervenção, Gadelha disse que a expressão-síntese que foi adotada para a Fundação em seu primeiro mandato, "Instituição Estratégica do Estado para a Saúde", traduz o compromisso com o país, o lugar e o sentido da missão da Fiocruz e ganhou, a partir da gestão inicial, uma nova dimensão, ao ampliar de forma significativa sua participação nacional e internacional, contribuindo para as políticas de Estado e para o fortalecimento do SUS. Gadelha listou os avanços que a Fundação tem obtido e anunciou planos. Segundo ele, "a dimensão estratégica de Estado para a saúde, em forte interação com as realidades regionais, está no DNA desta instituição. A atualização do projeto nacional da Fiocruz, mobilizando toda a sua competência, é prioridade absoluta. E, para sua maior abrangência, vamos ampliar nossa presença, abrindo unidades no Ceará, em Rondônia, no Mato Grosso do Sul e no Piauí, chegando a todas as regiões e a 11 estados brasileiros".

Gadelha afirmou que a Fiocruz "vem contribuindo, com papel destacado, para as concepções do conceito e das formas e instrumentos de consolidação do Complexo Econômico-Industrial da Saúde, orientada para dar

respostas às demandas sociais e de sustentabilidade do SUS". Ele citou a participação da instituição em programas prioritários do governo, como Farmácia Popular, Rede Cegonha, Brasil Carinhoso, Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, entre outros. Acrescentou que a Fiocruz responde por seis das 13 vacinas do Programa Nacional de Imunizações e, no programa brasileiro de Aids, contribui com sete dos 20 tipos de medicamentos que beneficiam 217 mil pessoas. E recordou que a Fundação apoia fortemente o programa Brasil sem Miséria, com projetos voltados para o semiárido nordestino, acesso à água e concessão de bolsas de doutorado e pós-doutorado para trabalhos socialmente relevantes.

O presidente da Fiocruz também disse que, no momento em que o SUS completa 25 anos, a instituição vai investir, nesta sua segunda gestão, em pesquisas para doenças crônico-degenerativas, cardiovasculares, auto-imunes e neurológicas, obesidade, envelhecimento e doenças negligenciadas, além de estabelecer uma rede de instituições para o desenvolvimento de pesquisas sobre as recentes mudanças demográficas e epidemiológicas verificadas no Brasil. Outro foco será contribuir com a construção da Agenda de Desenvolvimento Pós-2015 das Nações Unidas e na definição dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

O segundo mandato de Gadelha vai até o final de 2016. Ele obteve 2.415 votos para primeiro lugar na votação realizada em novembro passado, quando foram às urnas 4.211 eleitores - uma taxa de comparecimento de 83,6% do total de servidores. O resultado foi homologado pelo Conselho Deliberativo da Fiocruz, por unanimidade de seus membros, e então encaminhado ao ministro da Saúde, Alexandre Padilha. A presidente Dilma Rousseff, por meio de decreto publicado no *Diário Oficial da União* de 18 de janeiro, reconduziu Gadelha ao cargo de presidente da instituição. Graduado em medicina e doutor em saúde pública, Gadelha atua na gestão institucional da Fundação desde 1985. É presidente da Fiocruz desde 2009.



► O presidente e candidato Paulo Gadelha (ao centro), que foi reeleito para o segundo mandato

Todos às urnas!

Mais de 4,2 mil servidores exercem seu direito de voto em processo eleitoral que define o presidente da Fiocruz para o mandato 2013-2016

Fernanda Marques

Em 2012, realizou-se o terceiro processo eleitoral para presidente da Fiocruz desde a aprovação do Estatuto da Fundação, em 2003. Em junho daquele ano, foi publicado, no Diário Oficial da União, o decreto assinado pelo ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, aprovando o Estatuto, que, entre outros aspectos, regulamenta o processo eleitoral da instituição. Este já era realizado desde o final da década de 1980, mas sem o respaldo legal – um dos motivos pelos quais, no início, ele enfrentou dificuldades para impor sua legitimidade. Uma novidade das eleições em 2012, em relação aos processos de 2004 e 2008, foi a inscrição e homologação de dois candidatos para concorrerem à presidência da Fiocruz (nos dois processos anteriores, houve candidaturas únicas).

Porém, mais do que a participação de dois candidatos, destaca-se o envolvimento de toda a comunidade Fiocruz no processo eleitoral. Este teve início no dia 10 de setembro, com a publicação da Portaria 793, da Presidência da Fiocruz, que constituía a Comissão Eleitoral. Uma vez aprovado pelo Conselho Deliberativo (CD) da Fiocruz o Regulamento Eleitoral, foi aberto o período de inscrições de candidaturas. No dia 1º de outubro, Paulo Gadelha fez sua inscrição e, no dia 4 de outubro, foi a vez de Tania Araújo-Jorge. As duas candidaturas foram homologadas pelo CD e, assim, no dia 17 de outubro, tiveram início as campanhas, que se estenderam até 27 de novembro.

Paulo Gadelha e Tania Araújo-Jorge divulgaram e comentaram suas propostas em diferentes meios, desde a lista de e-mails institucionais e a webtv interna até blogs e ferramentas de redes sociais, criados especifi-

camente para este fim. Cada candidato visitou as diferentes unidades da Fundação e teve a oportunidade de dialogar com os trabalhadores. Houve, ainda, três debates com a presença dos dois candidatos: o primeiro, promovido pela Asfoc, e os seguintes organizados pela Comissão Eleitoral, presidida pelo professor Arlindo Fábio Gomez de Sousa.

As três ocasiões contaram com a presença em peso da comunidade Fiocruz. Os candidatos responderam a perguntas que tratavam de temas como a política de recursos humanos, a expansão da Fiocruz e a gestão participativa, entre outros. Eram perguntas feitas não só pelos trabalhadores que lotaram os auditórios, mas também pelos que participaram via internet, com transmissão em tempo real no site do Canal Saúde. No último debate, no dia 26 de novembro, às vésperas da eleição, o Canal Saúde registrou quase duas mil conexões. E



► A então diretora do Instituto Oswaldo Cruz e candidata Tania Araújo-Jorge

este número ultrapassou três mil durante a apuração dos votos, também transmitida ao vivo pelo Canal, a partir das 19h (horário de Brasília) do dia 30 de novembro.

Mais expressivo ainda foi o número de servidores da Fiocruz que foi às urnas nos três dias de votação: 28, 29 e 30 de novembro. Ao todo, 4.211 trabalhadores exerceram seu direito voto, com uma taxa de comparecimento de 83,6%, uma das mais altas registradas nos últimos tempos. Para garantir a oportunidade de participação de todos, a Comissão Eleitoral, com a concordância do presidente do CD Fiocruz, instituiu o voto por correio, modalidade inédita até então. Dessa forma, os servidores dos Escritórios Técnicos da Fiocruz em Rondônia, Mato Grosso do Sul e Ceará, onde o número de eleitores não ultrapassava uma dezena, puderam votar de forma eficiente e com baixo custo.

De acordo com o Regulamento Eleitoral, que, por sua vez, reflete o Estatuto e o Regimento Interno da Fiocruz, o processo eleitoral deve resultar em uma lista com até três nomes a ser encaminhada ao ministro da Saúde, a quem cabe escolher, dentre os candidatos da lista, o futuro presidente da Fiocruz. Cada eleitor pode votar

em mais de um candidato, desde que especifique sua ordem de preferência. Para compor a lista encaminhada ao ministro, um candidato deve ter recebido, pelo menos, 30% dos votos, em qualquer colocação. E o primeiro lugar da lista é ocupado por aquele candidato que recebeu mais votos em primeira opção.

No caso das Eleições Fiocruz 2012, o resultado da votação foi conhecido pouco depois da meia noite de sábado, dia 1º de dezembro: o candidato Paulo Gadelha obteve 2.415 votos em primeira opção e 368 em segunda opção; e a candidata Tania Araújo-Jorge obteve 1.555 votos em primeira opção e 497 em segunda opção.


Segundo o Regulamento, o cálculo dos percentuais é feito da seguinte maneira: para primeiro lugar, divide-se o número de votos em primeira opção obtidos por um candidato pelo total de votos válidos nesta posição (incluídos os brancos); para segundo lugar, soma-se o número de votos obtidos por um candidato (tanto em primeira quanto em segunda opção) e divide-se esta soma pelo total geral de votos válidos.

O total de votos válidos para *primeiro lugar* foi de:

2.415	(Paulo Gadelha)
+	1.555 (Tania Araújo-Jorge)
	46 (votos brancos)
<hr/>	
4.016	

O total de votos válidos para *segundo lugar* foi de:

2.415 + 368	(Paulo Gadelha)	2.783
1.555 + 497	(Tania A-Jorge)	2.052
		+ 46
<hr/>		
4.881		

Dessa forma, Paulo Gadelha obteve $2.415 \div 4.016 = 60,1\%$ dos votos para primeiro lugar e $(2.415 + 368) \div 4.881 = 57,0\%$ dos votos para segundo lugar, enquanto Tania Araújo-Jorge obteve $1.555 \div 4.016 = 38,7\%$ dos votos para primeiro lugar e $(1.555 + 497) \div 4.881 = 42,0\%$ dos votos para segundo lugar. De acordo com esses resultados, homologados pelo CD Fiocruz, a lista encaminhada ao ministro da Saúde pela Presidência da Fiocruz inclui o nome de Paulo Gadelha, em primeiro lugar, e de Tania Araújo-Jorge, em segundo lugar. Encerra-se, assim, mais um importante capítulo da história democrática da Fundação Oswaldo Cruz. 



- ▶ A proposta do Saúde & Letras é ser um espaço mais informal, proporcionando estimulantes encontros entre autores e leitores das áreas da saúde pública.

Boa conversa, livros, filmes e café

Assim é o Espaço Saúde & Letras, uma parceria da Editora Fiocruz com a Abrasco Livros que já virou tradição nos congressos da Associação Brasileira de Saúde Coletiva

Fernanda Marques

Um ambiente agradável para entrar, sentar, ler, ver, ouvir, dialogar, tomar um café: todos são bem-vindos no Espaço Saúde & Letras, fruto de uma parceria que envolve a Abrasco Livros, a Editora Fiocruz e a VideoSaúde. Ele já se tornou uma tradição nos congressos da Asso-

ciação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). O estande, montado anualmente desde 2006, abriga bate-papos, mostra de vídeos e lançamentos editoriais. Diferentemente da programação oficial dos congressos, com conferências e palestras, a proposta do Saúde & Letras é ser um espaço mais informal, proporcionando estimulantes encontros entre autores e leitores das áreas da saúde pública.

Em novembro de 2012, o Saúde & Letras foi montado no *campus* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), durante o 10º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, o Abrascão. Foram quatro dias de muita atividade. Para começar, a VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz ofereceu ao público uma seleção especial de filmes de seu acervo, incluindo os dois novos DVDs do selo Fiocruz Vídeo – *Baniwa*:

uma história de plantas e curas, com direção de Stella Oswaldo Cruz Penido, e *Cinematógrafo brasileiro em Dresden*, de Stella e Eduardo Thielen.

Com imagens de época e entrevistas com pesquisadores de história da saúde e do cinema, o documentário *Cinematógrafo brasileiro em Dresden* resgata dois filmes exibidos em 1911 no pavilhão brasileiro da Exposição Internacional de Higiene em Dresden, na Alemanha. Tematizando o combate à febre amarela no Rio de Janeiro e a então recente descoberta da doença de Chagas em Lassance (MG), são os primeiros filmes científicos brasileiros conhecidos, marcando o pioneirismo do Brasil e do Instituto Oswaldo Cruz na utilização de imagens em movimento na comunicação e informação em saúde.

Já *Baniwa: uma história de plantas e curas* aborda as práticas tradicionais de cura que estão no cerne da cultura baniwa, povo indígena do Alto Rio Negro, no Amazonas. São os saberes míticos dos baniwa que orientam suas concepções de saúde e doença e que direcionam as ações de cura dos conhecedores de plantas, dos pajés e dos benzedores. O documentário busca, então, compreender o espaço de reconhecimento e o sentido de permanência dessas práticas no contexto atual.

Além da mostra de vídeos, o estande foi palco de uma conversa sobre inovação e sistema produtivo da saúde: novas e antigas questões, com a participação do secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde, Carlos Gadelha; do economista Carlos Ocké, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea); e do médico José Noronha, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz).

O bate-papo, que atraiu dezenas de pessoas para o estande, foi inspirado por lançamentos da Editora Fiocruz. Carlos Gadelha é um dos autores de *A dinâmica do sistema produtivo da saúde: inovação e complexo econômico-industrial*, que defende o papel decisivo do Estado na articulação das

duas dimensões da saúde: a social e a econômica. De acordo com o livro, um Complexo Econômico-Industrial da Saúde frágil não atende às exigências de elevação da competitividade brasileira no cenário internacional. Mas a questão vai além: essa fragilidade afeta sobremaneira a capacidade de resposta às necessidades sanitárias da população. “Gostaríamos que esta publicação se configurasse, sobretudo, como um convite para o debate e para o fortalecimento deste campo científico, com um padrão de desenvolvimento que articule, ao mesmo tempo, o dinamismo econômico com os direitos sociais e a conformação de um Estado de bem-estar no Brasil”, diz.

Já Carlos Ocké assina *SUS: o desafio de ser único*, que investiga nosso sistema de saúde, o público e o privado. O livro propõe alternativa para fortalecer o Sistema Único de Saúde e fustigar o poder econômico do capital financeiro e dos oligopólios. Afinal, segundo o autor, esse sistema paralelo reproduz desigualdades sociais, favorece o crescimento do mercado e inviabiliza os preceitos constitucionais da saúde. Enquanto o SUS atravessa uma crise crônica de financiamento, a consolidação dos planos de saúde acaba concentrando renda e subtraindo recursos do setor público. Para o autor, o setor privado mais prejudica do que colabora com o setor público, porque o aumento do gasto privado e o fortalecimento do poder econômico corroem a sustentabilidade do financiamento público na arena política, levando a um círculo vicioso, caracterizado por uma queda relativa do investimento na saúde pública.

José Noronha, por sua vez, é um dos organizadores da coletânea *Políticas e sistema de saúde no Brasil*, obra de referência que chega à segunda edição, revista e ampliada. Os livros de Carlos Gadelha, Carlos Ocké e José Noronha foram lançados também no Espaço Saúde & Letras, juntamente com outras 19 novas obras que levam o selo da Editora Fiocruz. Os lançamentos editoriais foram promovidos pela Abrasco Livros. “Um dos destaques foi o título *Planejamento e gestão em*

saúde: conceitos, história e propostas, de Francisco Javier Uribe Rivera e Elizabeth Artmann, muito procurado pelo público do congresso”, conta Inez Pinheiro, gerente comercial da Abrasco Livros. Também foram apresentadas outras 32 publicações de diversas editoras e com variados temas no âmbito da saúde coletiva.

As autoras Angela Pagot, Bernadete Dalmolin e Ianni Scarcelli debateram o tema loucura e civilização: abordagens atuais. Abordagens, por exemplo, como as que elas propõem em suas obras. Na pesquisa que originou o livro *O louco, a rua, a comunidade: as relações da cidade com a loucura em situação de rua*, da Editora Fiocruz, Angela buscou compreender o que os moradores e trabalhadores do bairro pensam, sentem, dizem e fazem em relação aos “loucos” que vagueiam pelas ruas. Ela defende que, apesar das dificuldades e até dos preconceitos, a população tem potencial para atuar como agente de saúde mental. “Pois enquanto o ‘louco’ permanecer na rua pertencerá não apenas ao Estado, mas também às pessoas do bairro onde se encontra”, destaca.

Olhar para a pessoa em sofrimento psíquico e ver nela não o doente, mas o ser com liberdade e criatividade: este é o desafio proposto por Bernadete Dalmolin, autora do livro *Esperança equilibrista: cartografias de sujeitos em sofrimento psíquico*, também da Editora Fiocruz. Quando se olha para o paciente psiquiátrico somente dentro dos muros do hospital ou de outro serviço de saúde, a visão que se tem é parcial, fragmentada. O livro busca mostrar que aquele paciente, ou melhor, aquela pessoa em sofrimento psíquico tem múltiplas vivências. Mais: é um sujeito com capacidade para erigir suas experiências na amplitude da cidade – e não apenas num espaço controlado e disciplinado como o dos serviços psiquiátricos.

A autora mergulhou no universo desses sujeitos para compreender suas relações cotidianas. O trabalho é um estudo científico e, ao mesmo tempo, um relato emocionante. Desde a aproximação da



pesquisadora com as pessoas em sofrimento psíquico – os protagonistas do livro – até o desenrolar de sucessivos encontros, tudo foi feito com extrema sensibilidade. “Construir essa relação com os protagonistas fez-me perceber não apenas sua positividade no processo do estudo, mas a importância de interações propícias à escuta psicológica”, avalia Bernadete Dalmolin, atenta aos desafios dos serviços de saúde mental.

Discutir esses desafios é também o objetivo de Ianni Scarcelli no livro *Entre o hospício e a cidade: dilemas no campo da saúde mental*, da Zagodoni Editora. A autora chama atenção para o fato de que esses dilemas não se limitam ao desmonte do manicômio, mas também às problemáticas que emergem quando se busca um outro lugar de morada para os egressos de hospitais psiquiátricos. A transição que ocorre do hospício à cidade é o tema central da obra, a partir do qual a autora problematiza o conceito de exclusão social e discute políticas públicas.

Para encerrar as atividades no Espaço Saúde & Letras, o diretor do

Icict/Fiocruz, Umberto Trigueiros, fez o anúncio do novo edital do selo Fiocruz Vídeo, cujo objetivo é estimular e fomentar a produção audiovisual e a realização independente de vídeos sobre saúde. Antes, porém, Umberto Trigueiros participou de um bate-papo sobre novas mídias na saúde e acesso livre, juntamente com Abel Packer, coordenador do Programa Scientific Electronic Library Online (SciELO/Fapesp), e Roseni Pinheiro, professora do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/Uerj).

Na ocasião, foram apresentadas as experiências do Arca, o Repositório Institucional da Fiocruz (www.arca.fiocruz.br), e do projeto SciELO Livros (<http://livros.scielo.org>). Para Roseni Pinheiro, as novas mídias e o acesso livre são importantes possibilidades para a democratização do conhecimento. “Por conta do acesso, isso pode ser o ponto de partida para mobilizar pessoas e impactar políticas públicas, sobretudo no que diz respeito à nossa capacidade de construir de

maneira intersetorial a democratização da informação técnico-científica. Aqui estamos reunindo instituições – Icict/Fiocruz, Opas/Bireme, Ministério da Saúde e universidades – com potencial para integrar diferentes setores, como saúde, educação e tecnologia, no sentido de tornar realidade esse acesso em um país continental como o nosso”, disse. Contudo, “há regiões no Brasil ainda muito carentes; portanto, é preciso estar sempre atento a outros elementos no que diz respeito ao acesso e não se limitar apenas à disseminação dessas ferramentas”, lembrou a coordenadora do Laboratório de Pesquisas sobre Práticas de Integralidade em Saúde.

O diálogo sobre estes e outros temas afins à saúde pública segue aberto. Afinal, a proposta do Espaço Saúde & Letras não é esgotar os assuntos. Pelo contrário: ano após ano, busque oferecer terreno propício para a livre troca de ideias. Sugestões de atividades para o estande são bem-vindas e podem ser enviadas para o e-mail imprensaeditora@fiocruz.br. 🌸





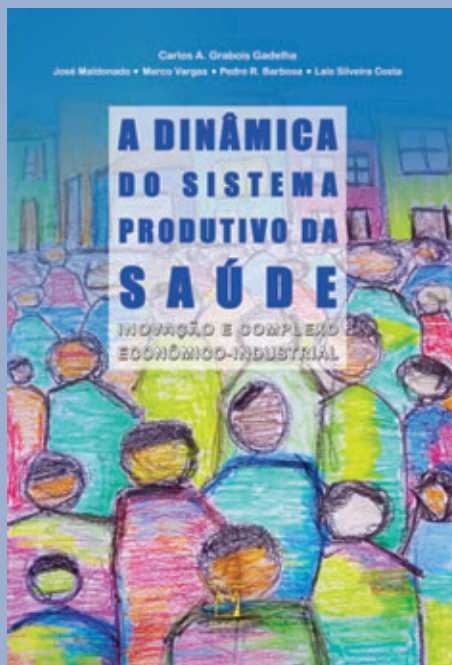
A saúde como produção coletiva

Editoras investem em trabalhos conjuntos

Fernanda Marques

Somar esforços; subtrair custos; dividir o trabalho; multiplicar os resultados: praticar esta matemática faz parte da rotina da Editora Fiocruz. Um dos segredos? Investir nas parcerias. As coedições são uma importante estratégia desde os primeiros anos da editora. Em média, por ano, têm sido publicados quatro ou cinco títulos em coedição. O ano de 2012, porém, ficou acima da média, com nove livros coeditados. E o ano de 2011 também superou a média, com oito coedições. Delineia-se, assim, uma tendência de crescimento dessas parcerias, nas quais todos saem ganhando: não só as editoras, mas também os autores e – principalmente – os leitores. ▶





Nas editoras universitárias e acadêmicas, os originais recebidos são avaliados por especialistas e, se aprovados, tem início a produção do livro. E é neste momento que pode começar a história de uma coedição bem-sucedida. “Para nós, o objetivo de uma coedição é ampliar o alcance do livro”, conta o editor-executivo João Canossa. “A Editora Fiocruz é voltada para a saúde pública, mas esta tem múltiplas interfaces. Quando verificamos que um livro pode interessar aos públicos de outras editoras, fazemos a proposta da coedição”, explica. O caminho inverso também é frequente. “Outras editoras nos propõem coedições quando recebem e aprovam originais com temas de saúde, pois são obras com potencial interesse para o leitor da editora”.

Além da possibilidade de se aproximar de um público especialmente interessado na literatura em saúde, outras instituições procuram a Editora Fiocruz pelo “valor da marca”, isto é, porque ela é reconhecida no meio acadêmico. “Sempre nos foi de extrema importância nos associarmos às instituições ligadas aos setores acadêmicos, pois, além do aval crítico que essas instituições sempre nos dão, suas chancelas nos posicionam em patamares confiáveis no que diz respeito à publicação da pesquisa”, afirma o editor Vanderlei Gomide, da editora Mercado de Letras, que, desde a sua fundação, em 1994, definiu-se no mercado como essencialmente acadêmica. “Soma-se à parceria institucional a parceria financeira, que traz um grande benefício aos coeditores e ao consumidor final, pois este se beneficiará de um livro de qualidade com preço acessível”, acrescenta Gomide.

Em 2012, as editoras Mercado de Letras e Fiocruz publicaram juntas o livro *Humanização, gênero, poder: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde*, de Ana Cristina Ostermann e Stela Nazareth Meneghel (orgs.). “O trabalho com a Editora Fiocruz nesse livro foi tranquilo, produtivo e transparente”, avalia Gomide. A coletânea *Humani-*

zação, gênero, poder revela também outro aspecto interessante das coedições: elas rompem com as barreiras geográficas. Afinal, a Editora Fiocruz tem sede no Rio de Janeiro e a Mercado de Letras, em Campinas. Já as organizadoras do livro são do Rio Grande do Sul – Ana Cristina é professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, e Stela, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre.

Contudo, esse aspecto geográfico das coedições ganha ainda mais relevo para editoras de outras regiões. “Num país com as dimensões territoriais do Brasil, dadas as dificuldades de uma distribuição ampla e eficaz por parte das editoras consideradas ‘independentes’ e, também, das editoras universitárias, a coedição contribui para ampliar a divulgação e circulação da obra publicada. Sobre tudo quando esta se dá entre uma editora localizada em uma região menos central do país e outra que esteja no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, onde se concentra a indústria editorial brasileira e um considerável mercado consumidor de livros, quiçá o maior”, afirma a diretora da Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), Flávia Rosa.

Segundo Flávia, a Edufba, ao longo de seus 20 anos, tem realizado várias coedições, prioritariamente com editoras universitárias. Há parcerias com outras editoras da Bahia, para fortalecer as relações locais e promover os autores em outras regiões do estado. O maior número de coedições da Edufba, porém, é com editoras nacionais filiadas à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu). “Particularmente com a Editora Fiocruz fizemos várias parcerias de sucesso”, conta. Entre elas, está o livro *Avaliação em saúde: dos modelos teóricos à prática na avaliação de programas e sistemas de saúde*, de Zulmira Maria de Araújo Hartz e Ligia Maria Vieira da Silva (orgs.), que foi lançado em 2005 e rapidamente esgotou – o título já foi reimpresso três vezes, em 2006, 2008 e 2010.

“Para a Edufba, essas coedições são de extrema importância, tanto pela qualidade que a Editora Fiocruz agrega quanto pela oportunidade de fazer circular de modo ampliado o conhecimento em saúde, que é também área de destaque de pesquisa na Universidade Federal da Bahia (Ufba)”, completa Flávia, que define uma coedição como um processo benéfico de compartilhamento, com redução dos custos e ampliação da visibilidade. “Ganham todos, especialmente o livro, os autores e, mais importante, os leitores”, resume.

A saúde escrita a muitas mãos

Assim como as coedições, outra tendência na Editora Fiocruz tem sido as coautorias: coletâneas e livros com mais de um autor representam, hoje, quase 60% de seu catálogo. Esse percentual, ao mesmo tempo em que demonstra o caráter coletivo da produção literária em saúde pública, também indica importantes desafios. Um livro colaborativo não é composto simplesmente pela reunião de pedaços de texto de diferentes autores: é imprescindível que haja articulação, o que confere unicidade à obra. No caso específico das coletâneas, é importante que elas tragam uma gama diversificada de pontos de vista sobre o tema, mas isso não significa uma obra fragmentada. Pelo contrário: ainda que os capítulos apresentem perspectivas diferenciadas, eles devem ter um fio condutor.

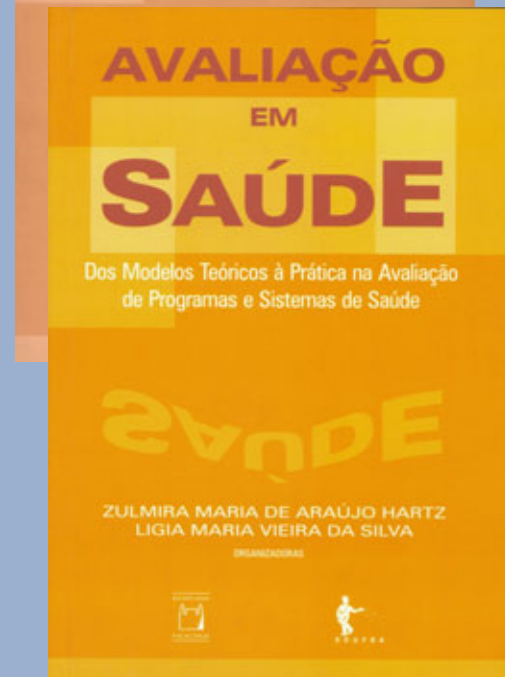
“Considero que preparar uma coletânea é mais complexo do que um livro autoral, porque requer compatibilizar unicidade com diversidade”, afirma a pesquisadora Cristiani Vieira Machado, organizadora do livro *Políticas de saúde no Brasil: continuidades e mudanças*, juntamente com Tatiana Vargas de Faria Baptista e Luciana Dias de Lima. Ao todo, a obra tem dez capítulos e 18 autores. “Para uma coletânea ser de boa qualidade, é necessária uma dedica-

ção imensa dos organizadores, que precisam assegurar a coesão do volume e rever os capítulos diversas vezes, em parceria com os autores e com a equipe da editora”.

Para Cristiani, os ingredientes para o êxito do livro *Políticas de saúde no Brasil*, lançado em 2012 pela Editora Fiocruz, incluíram a sintonia entre as organizadoras e a clareza quanto ao propósito da coletânea desde o início do projeto. Desse modo, às investigações conduzidas pelo grupo de pesquisa das organizadoras, na Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz), foi possível somar as contribuições de autores de outros grupos e instituições.

A pesquisadora Laís Silveira Costa também destaca a soma de experiências como um dos pontos positivos do livro colaborativo. Ela divide a autoria do livro *Dinâmica do sistema produtivo da saúde: inovação e complexo econômico-industrial* com outros quatro autores: José Maldonado, Marco Vargas, Pedro R. Barbosa e Carlos A. Grabois Gadelha, este último coordenador do trabalho. Trata-se, portanto, de um livro escrito a dez mãos. E isso sem contar com outros tantos pesquisadores que, direta ou indiretamente, contribuíram para o levantamento de dados e os debates apresentados no livro.

Para Laís, o bom resultado alcançado com o livro, também lançamento de 2012 da Editora Fiocruz, pode ser atribuído a dois fatores principais. O primeiro foi a definição, *a priori*, do método de análise a ser aplicado, garantindo unicidade à publicação e consistência na abordagem do tema. “O segundo ponto crítico se refere ao trabalho de coordenação, que fomentou a troca de experiências entre os autores no curso do estudo, agregando valor às análises que constam no livro”, explica. “Considero a experiência de escrever em coautoria muito interessante. A diversidade da base de conhecimento aportada por cada autor oportuniza a troca de conhecimentos e proporciona análises complementares”, conclui. 🌸



Uma referência para refletir sobre a amamentação

Fernanda Marques

Treze anos atrás, o livro *Amamentação: um híbrido natureza-cultura*, da Editora Fiocruz, punha em crise o então paradigma do aleitamento materno. Durante muito tempo, a amamentação foi considerada apenas a partir de sua dimensão biológica – o aleitamento como uma função natural do corpo feminino. Pouco a pouco, foi introduzido o discurso acerca da subjetividade da mulher na decisão de amamentar. Contudo, os mesmos profissionais que abraçavam esse discurso não conseguiam, na prática, oferecer uma atenção integral às mães e caíam no velho reducionismo biológico. Nesse contexto, a publicação do livro ofereceu novas reflexões e demonstrou que, para compreender a amamentação, era necessário olhar a natureza e a cultura como um tecido inteiriço, indissociável. Desde então, é este novo paradigma que tem servido de base para projetos e ações sobre aleitamento materno. O livro, há muito esgotado e hoje disponível em acesso aberto no Portal SciELO Livros, continua sendo referência primária para os interessados em estudar os fatos e fenômenos ligados à amamentação.

O livro é um dos frutos do doutorado em saúde da mulher e da criança de João Aprígio Guerra de Almeida, profissional engajado na política nacional de aleitamento desde o início da década de 1980. “No final dos anos 1990, apesar dos avanços na formulação da política, o que se observava era uma repetição dos discursos, sem uma efetiva mudança das práticas”, conta

o autor. Ou seja: a política reconhecia a amamentação como um processo biopsicossocial, mas a estrutura hospitalar permanecia pouco acolhedora para as mães e muitas delas, embora cientes dos benefícios do aleitamento, procediam ao desmame precoce.

A principal alegação – e não a causa – desse desmame era o leite ter

As reflexões propostas no livro foram – e ainda são – alicerces que permitiram ampliar e consolidar a Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, a maior e mais complexa no mundo. A partir dela foi criada a rede latino-americana, que rapidamente virou ibero-americana e hoje já reúne 23 países, inclusive da África. “Nossa rede comporta 32 projetos e, ano após ano, esse trabalho é reconhecido por seu enorme êxito no âmbito da cooperação internacional em saúde”, destaca Almeida, lembrando que o livro também ganhou uma versão em inglês.

Embora a publicação de 1999 continue sendo referência, “urge retrabalhar uma segunda edição refletindo acerca dos alcances do paradigma atual e também de seus limites nos dias de hoje”, adianta o autor. “O paradigma atual não precisa ser colocado em crise, mas deve ser discutido, para manter acesa a chama da reflexão”, explica. Depois do livro, muitas iniciativas de promoção e proteção do aleitamento materno foram desencadeadas, mas houve também o aporte de novos conhecimentos e transformações sociais. Em termos operacionais, é necessário adequar as iniciativas às demandas e expectativas atuais, conservando os resultados desejados.

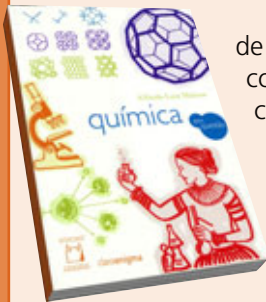
“O paradigma requer uma relação dialética e dialógica com este momento atual”, reforça Almeida. Como exemplo, o autor cita o campo da comunicação. “Hoje temos uma internet cada vez mais presente na vida das pessoas; temos as redes sociais e as mais variadas formas de interação; temos uma multiplicidade de mensagens e informações. É fundamental compreender o papel dessas dinâmicas no processo decisório da mulher sobre a amamentação”, comenta. ❁



“secado” ou ser “fraco”. A partir da publicação do livro, essa situação passou a ser problematizada. “Quem é ‘fraco’, afinal? O leite, a mulher ou nós, profissionais de saúde, gestores, cidadãos, que não compreendemos as intencionalidades por trás dessa alegação e não conseguimos fornecer o suporte necessário para a superação das dificuldades na amamentação?”, questiona Almeida.

Química em questão

Alfredo Luis Mateus



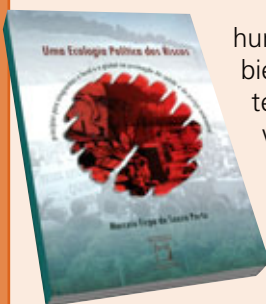
Já existem mais de 70,8 milhões de compostos químicos conhecidos e novas substâncias não param de ser identificadas. Isso ilustra o quão amplo é o universo

da química, presente em todas as coisas vivas e inanimadas, alicerces do corpo humano e da economia, que age como remédio e veneno, que produz riqueza e destruição ambiental. Afinal, o que faz a química, esta ciência tão próxima de nós e, ao mesmo tempo, ainda tão incompreendida? É em torno desta pergunta que se desenrola este livro, terceiro título de uma série de divulgação científica. Neste novo volume, o autor esclarece alguns dos principais fenômenos e aplicações da química, além de desfazer alguns mitos e mal-entendidos.

Editoras Fiocruz e Claro Enigma | 168 páginas | R\$ 29,50

Uma ecologia política dos riscos: princípios para integrarmos o local e o global na promoção da saúde e da justiça ambiental

Marcelo Firpo de Souza Porto



Desenvolvimento humano, meio ambiente e justiça são temas indissociáveis. Contudo, o atual modelo de desenvolvimento brasileiro e internacional, no âmbito de um capitalismo globalizado, intensifica padrões de produção e consumo injustos e insustentáveis. Esta não é uma constatação nova, mas, a partir dela, este livro desenvolve uma crítica diferenciada: o objetivo é criar

estratégias de entendimento que favoreçam o diálogo e a implantação de medidas de curto, médio e longo prazos para a construção de sociedades justas, democráticas e sustentáveis. A obra acaba de ganhar sua segunda edição, revista e atualizada.

Editora Fiocruz | 270 páginas

Exemplar em papel: R\$ 38 | Em formato eletrônico: R\$ 16,49 no SciELO Livros (<http://livros.scielo.br>)

Imagens de cura: ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha

Marcelo S. Mercante



Em situação de doença ou sofrimento, muitas pessoas buscam uma religião. Não é diferente nas religiões ayahuasqueiras, cujos rituais são conhecidos por utilizar uma bebida à base de ayahuasca, uma substância psicoativa. O Santo Daime é a mais conhecida dessas religiões, mas existem outras, como a União do Vegetal e a Barquinha – esta última restrita ao Acre. Pessoas em tratamento de saúde com ayahuasca vivenciam e relatam mirações após o consumo da bebida, cuja eficácia – seja simbólica, seja física – tem sido bastante discutida. Entender o papel dessas mirações, mas ultrapassando o tradicional debate sobre a ação da substância: esta é a proposta do livro. O autor estudou um centro ligado ao sistema religioso da Barquinha. O diferencial dessa pesquisa é que ela compreende as mirações a partir do diálogo entre múltiplos saberes, como antropologia, psicologia, filosofia da mente, estudos da consciência, química, neurofisiologia e espiritualidade.

Editora Fiocruz | Coleção Antropologia e saúde

322 páginas | R\$ 45

Discriminação e saúde: perspectivas e métodos

João Luiz Bastos e Eduardo Faerstein



É possível apreender cientificamente a discriminação? Que desafios complexos devem ser enfrentados nesta iniciativa? Para responder a estas perguntas, são necessárias

estratégias metodológicas capazes de identificar e medir a discriminação. Apresentar as ferramentas disponíveis e discutir suas potencialidades e limitações são os objetivos do livro. “A principal motivação para o extenuante exercício acadêmico de medir o fenômeno da discriminação é examinar como e o quanto esta contribui para a ocorrência e a perpetuação de desigualdades sociais, incluindo os domínios da educação, da saúde, da justiça e do mercado de trabalho, entre outros”, explicam os autores. “É, portanto, o desejo de compreender melhor e, assim, contribuir para o combate efetivo dessa fonte de desigualdade social que mobiliza os pesquisadores dedicados à mensuração da discriminação”, acrescentam.

Editora Fiocruz | Coleção Temas em saúde

112 páginas | R\$ 15

COMO COMPRAR:

Web:

www.fiocruz.br/editora

E-mail:

comercialeditora@fiocruz.br

Tel.: (21) 3882-9007

A Era do Saneamento ganha nova edição



A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil

Gilberto Hochman

3ª Edição

Editora Hucitec

249 páginas

R\$ 49

Fernanda Marques



O livro *A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*, de Gilberto Hochman, chega à terceira edição reafirmando sua importância para o leitor entender as relações entre saúde pública e construção do Estado brasileiro na Primeira República. A obra é resultado de uma tese de doutorado defendida pelo autor no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), venceu o concurso Ford/Anpocs (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) e foi lançado em 1998; a segunda edição é de 2006. A publicação é da Hucitec Editora.

O livro tornou-se referência ao revelar que as políticas de saúde e saneamento no país tiveram um papel preponderante para se intensificar a participação do Estado na sociedade e no território brasileiro. Ao comentar a nova versão da obra, Hochman defende que “sua ampla recepção e numerosas citações indicam que a base teórica e empírica resistiu, e que a interpretação continua ajudando a refle-

xão sobre políticas públicas, história da saúde e pensamento social no Brasil”.

Debruçando-se sobre tema pouco estudado no período, o pesquisador apresenta a origem de políticas públicas e nacionais de saúde tendo como foco principal políticas de saneamento rural no Brasil da Primeira República. Segundo Hochman, nesse período, a saúde pública, envolvida numa ideologia de cunho marcadamente nacionalista, “foi alçada ao topo da agenda política nacional”. Ele frisa que os anos de 1920 ofereceram oportunidades políticas únicas para uma reforma sanitária ampla. E destaca: “elas não se repetiriam na história brasileira”. Para Hochman, a obra fala dessa reforma, sobre alguns de seus sucessos e fracassos. “A pergunta que o orienta [o livro] é quando, por que e como a saúde se torna pública?”, conclui o pesquisador da COC.

A importância de São Paulo no processo de conformação das políticas nacionais de saúde e saneamento não é esquecida. De acordo com o autor, São Paulo desenvolveu uma política sanitária autônoma, porém interdependente em relação aos resultados das ações dos demais estados e do governo federal.

Com habilidade e aguçada análise, mesmo com a pouca literatura cobrindo as décadas de 1910 e 1920, Hochman vai fundo nas origens das políticas nacionais de saúde pública na Primeira República. Descreve as discussões ao longo daquele período e as decisões que levaram à criação de uma consciência quanto à precariedade da situação sanitária que caracterizava grande parte do Brasil e a consequente adoção de medidas para solucionar o problema, tornando-as compulsórias.

Em seu trabalho, o autor revela que, apesar dos conflitos políticos videntes, houve consenso na solução do problema nacional por parte, também, das elites nacionais e locais. Segundo o pesquisador, o movimento sanitário teve grande influência na conquista da política nacional de saúde pública, uma vez que “buscou redefinir, entre 1910 e 1920, as fronteiras entre os sertões e o litoral, entre o interior e as cidades, entre o Brasil rural e o urbano em função do que consideravam o principal problema nacional: a saúde pública”.

A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil mostra que, por meio de intensa campanha de opinião pública, “o movimento pelo saneamento rural buscou convencer as elites políticas de que esses sertões, ausência e doença, estavam mais próximos e eram mais ameaçadores do que elas imaginavam”. O caminho não foi fácil e muito teve que ser feito pelos profissionais de saúde, entre eles médicos e cientistas, mas também por autoridades e a sociedade de maneira conjunta. Com criatividade, profundo trabalho de pesquisa e talento na análise político-social do período, a obra revela ao longo de seus seis capítulos como o país do início do século 20 tornou viável, e buscou as mudanças necessárias, para incluir na agenda nacional o tema saúde pública.

Ao citar o médico, acadêmico, ensaísta e crítico Júlio Afrânio Peixoto na introdução desta terceira edição – “os sertões do Brasil começavam no final da Avenida Central”, Hochman aponta a origem para se trilhar o caminho, que parecia mais próximo da realidade social de então, e que finalmente seria adotado.



Medicina na frente de batalha

Tese analisa a atuação de profissionais de saúde na Guerra do Paraguai



► O quadro *A Batalha do Avaí*, de Pedro Américo, descreve um importante episódio da Guerra do Paraguai

Ricardo Valverde



ficionado por história militar, o pesquisador Carlos Leonardo Bahiense da Silva apontou seus olhos para um tema inex-

plorado – aventado por um amigo conhecedor de arquivos históricos esquecidos – e que o levou a desenvolver uma tese na Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). O trabalho, intitulado *Doutores e canhões: o corpo de saúde do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai (1864-1870)*, traça um amplo panorama da situação dos médicos naquele período, de sua formação profissional, das dificuldades e más condições enfrentadas nos campos de batalha do mais sangrento conflito armado internacional da

América do Sul, apresenta e discute as questões teóricas da medicina da época e ainda analisa a epidemia de cólera ocorrida em 1867, no esteio dos combates. A tese, bastante elogiada pela banca, está cotada para ser publicada em livro.

Bahiense chegou ao tema depois de pesquisar para a sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e que tratou da Shindo Renmei, espécie de sociedade secreta que existiu em São Paulo, no final da década de 1940, e que não aceitava que japoneses e seus descendentes admitissem a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, chegando a matar membros da comunidade nipônica. Comprador voraz de livros de história militar, Bahiense pensava em estudar, no doutora-

do, a Guerra das Malvinas, entre outros temas que despertavam sua curiosidade. Mas uma conversa com um colega professor que conheceu em Cabo Frio o fez sair da indecisão e seguir um rumo diferente.

“Ele me contou que no Arquivo Histórico do Exército, localizado na sede do Comando Militar do Leste, no Centro do Rio de Janeiro, havia muito material sobre o serviço de saúde e seus integrantes, que estava a espera de um historiador para trazer as informações à tona. Então, fui escavar os arquivos”, conta Bahiense, que teve que vencer uma inicial reticência dos militares. “A história militar da República está naquelas caixas lotadas de papéis e documentos. No caso da Guerra do Paraguai, há uma considerável quantidade de despachos que ilumi-

nam a história social do conflito”, conta o historiador.

As dificuldades logísticas enfrentadas pelos militares brasileiros no conflito eram imensas. A situação sanitária não poderia ser diferente. Embora existissem instalações hospitalares próximas às tropas (os “hospitais de sangue”), a precariedade era regra. “Isso causava embates e tensões entre os médicos e seus superiores. Também se registravam conflitos entre médicos e outros profissionais da área, como enfermeiros e farmacêuticos, e entre médicos militares e militares não-médicos”, observa Bahiense, lembrando que parte dos profissionais era formada por jovens estudantes de medicina que não tinham experiência prática, apenas teórica, dos bancos da faculdade. “Havia um corpo de saúde militar desde 1849-50, mas que não tinha preparo suficiente, nem homens aptos, e mesmo estrutura, para dar conta da magnitude de uma guerra internacional”, diz.


As epidemias grassavam. Durante o conflito, ocorreram surtos de cólera, varíola, tuberculose, tifo e beribéri. “A situação era agravada por questões como as dificuldades de prover alimentação adequada às tropas, transportá-las e abrigá-las, além dos problemas trazidos pelo clima, como chuvas e frio. Alfredo d’Escragno, o visconde de Taunay, relata essa dramática situação, de maneira contundente, em seu livro *A Retirada da Laguna*”, diz Bahiense, referindo-se ao episódio em que uma coluna do Exército brasileiro foi forçada a se retirar do teatro de operações sob pesado ataque paraguaio. De 3 mil soldados brasileiros, apenas 700 sobreviveram à fúria inimiga.

“A guerra se tornou um laboratório e um aprendizado forçado para médicos e estudantes. Entre os papéis que pesquisei há vários despachos e relatórios que relatam o drama de soldados operados ali mesmo, nos campos de batalha, e de médicos que não tinham muito o que fazer”. Um dos episódios marcantes foi o de Júlio José Chagas, soldado do 27º Batalhão de Voluntários da Pátria, de 18 anos, que teve os braços amputados rente ao tórax e foi enviado para o Asilo dos



Inválidos da Pátria, no Rio de Janeiro. A guerra também deixou uma legião de neuróticos, que eram classificados como alienados e mandados para o então Hospício Pedro II, no bairro da Urca. Mais tarde a unidade foi transferida para o Engenho de Dentro e atualmente é denominada Instituto Nise da Silveira.

“Os ferimentos impressionavam os doutores, que faziam cirurgias improvisadas em cabeças, peitos, membros superiores e inferiores”, analisa Bahiense. O historiador afirma que os médicos brasileiros também liam livros de colegas que participaram das guerras napoleônicas e da Guerra da Crimeia, em busca de informações e conhecimento de como agir com os feridos nas batalhas. Essas leituras os ensinaram a usar um composto orgânico como anestesia nas operações feitas durante a guerra. Era clorofórmio.

Já pensando no próximo tema de trabalho acadêmico, Bahiense tem duas opções para o pós-doutorado. Uma é um estudo sobre a história militar turco-otomana, incluindo a influência mongol, do século 13 à Primeira Guerra Mundial, quando o Império Turco deixou de existir. A outra é um estudo comparativo entre os holocaustos judeu (na Segunda Guerra Mundial) e armênio (em 1915), por meio, respectivamente, das memórias dos escritores Primo Levi e Grigoris Balakian. 



► Leonardo Bahiense: especialista em história militar

Canal Saúde. Tudo novo pra você



O Canal Saúde agora é um canal de TV.

No ar todos os dias das 9h às 19h.

Programas com novo visual e produções inéditas.

Confira a programação completa e saiba como assistir em:

www.canalsaude.fiocruz.br



canalSAÚDE

Construindo cidadania

MEMORIAS.IOC.FIOCRUZ.BR

NOVO WEBSITE ONLINE



A REVISTA MEMÓRIAS DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ LANÇA SEU NOVO SITE COM NOVIDADES: SERVIÇOS ÚTEIS, NAVEGAÇÃO SIMPLIFICADA, ESTRUTURA E DESIGN VOLTADOS PARA FACILITAR O ACESSO DOS USUÁRIOS.